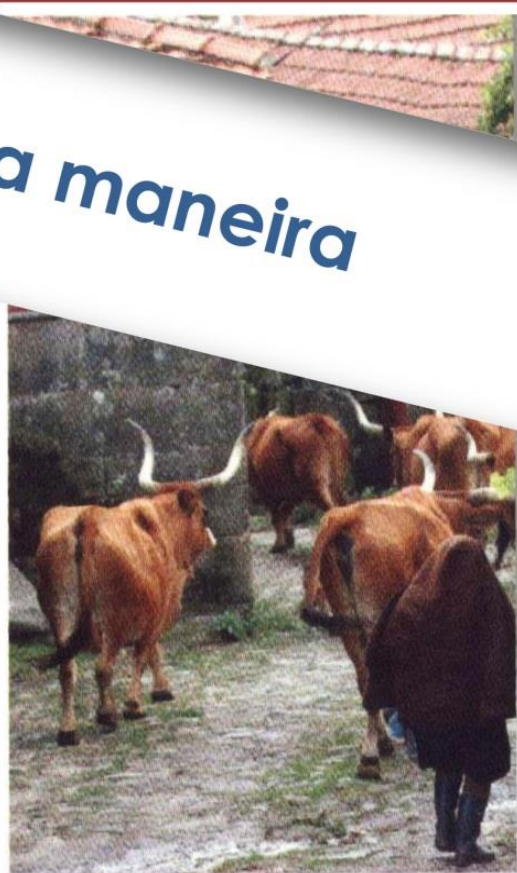


Contos do Minho...

à nossa maneira

Paula Rocha
Isa Fernandes
Sara Bastos
Fernando Araújo
Júlia Machado
Tiago Bravo
Akima Dias
Liliana Rodrigues
Eduardo Santos
Ana Fernandes



Centro de emprego e de formação profissional de braga

Contos do Minho... à nossa maneira

**Paula Rocha
Isa Fernandes
Sara Bastos
Fernando Araújo
Júlia Machado
Tiago Bravo
Akima Dias
Liliana Rodrigues
Eduardo Santos
Ana Fernandes**

BRAGA

01-01-2012

Trabalho desenvolvido pelos formandos da turma 01 do curso TIDC, no âmbito das Unidades de “Cultura, Língua e Comunicação 5” e “Técnicas de Produção e Edição”. Baseado no livro “Contos do Minho”.

CONTOS DO MINHO... À NOSSA MANEIRA

Contos do Minho ...à nossa maneira / Paula Rocha... [et al.] ; ed. lit. Turma de Informação, Documentação e Comunicação; rev.lit. Paula Rodrigues. – coord. ed. Filipe Costa. – Braga: CEFP de Braga, 2012. – 146 p. : il. ; 21 cm. – Baseado no livro “Contos do Minho”. – Trabalho desenvolvido pelos formandos da turma 01 do curso TIDC no âmbito das Unidades de “Cultura, Língua e Comunicação 5” e “Técnicas de Produção e Edição”. – ISBN 972-0-1234-0 (Brochado)

Literatura Portuguesa – Conto – Séc. 21 [comentários]
CDU 821.134.3-34 (0.072) “20”

Edição Literária
TIDC

Revisor literário
Paula Rodrigues

Coordenador de edição
Filipe Costa

Edição
CEFP de Braga

Dedicatória

Este livro é dedicado aos seguintes Formadores: Esmeralda Galvão, Filipe Costa e Paula Rodrigues, que tiveram uma participação na elaboração do mesmo.

Sumário

Os Homens e os Outros	9
Ricardo Lêndeads e o Mistério da Oliveira Galega	25
O Eucalipto de Moure	37
Os Moços de Rossas	45
O Regresso	61
O Velho e a Fotografia	89
Vou Até ao Fim do Mundo	97
Da Raiz é que Crescem as Árvores	107
O Caminho do Regresso	117
A Manhã de Julho	125
Soluções	137

Os Homens e os Outros

Apresentação do autor

Cunha de Leiradella

Dramaturgo, romancista, contista e roteirista, nasceu na manhã de 16 de novembro de 1934, na freguesia de São Paio de Brunhais, concelho da Póvoa de Lanhoso, bem no norte de Portugal, quase fronteira com a Espanha, entre neve, lobos, javalis e contrabandistas, que ainda os havia naquele tempo.

Os seus primeiros vagidos literários foram de poeta. Criminoso venial, felizmente, nunca publicou os versos em livro. Mas continuou matando letras a pau, primeiro com uma *Olivetti Letera 22* e, depois, com um PC 386; hoje transformado numa velocíssima máquina que só não fala javanês. Formado pela *General Idea University*, com *PhD* em *Miscellanea* e outros *Badulaques*, confessa que Eça de Queirós, Miguel Torga, Graciliano Ramos, Ernest Hemingway, Eugène Ionesco, Samuel Beckett e Albert Camus muito o influenciaram. Mas tem por certo que a vida foi a sua melhor professora. Melóphobo inveterado aterrou no Rio de Janeiro, no dia 21 de abril de 1958 com um lenço branco no bolso, um curso de Direito interrompido e uma cuca prestes a fundir-se. Não fundiu a cuca e também não pagou analista. Escreveu em jornais, começando pelo *Portugal Democrático*, levado por Adolfo Casais Monteiro, e andou pelo Teatro Tablado, com Maria Clara Machado e Napoleão Muniz Freire. Com Amir Haddad e Maria Helena Khünner, em 1965, fundou o TUCA-RIO (Teatro Universitário Carioca). Foi no espetáculo *O Coronel de Macambira*, dramatização do poema de Joaquim



Cardoso, primeira montagem do grupo, que apareceram artistas do porte de Renata Sorrah e Roberto Bonfim, hoje grandes atores do teatro e da televisão brasileira. Saboreador de um bom cachimbo e de um bom conhaque, fumou cigarros por injunção e foi sócio honorário de todas as fontes magnesianas de Caxambu e arredores. Residiu em Belo Horizonte de 1980 a 2003, onde, em 1985, fundou e presidiu o Sindicato dos Escritores do Estado de Minas

Gerais. Hoje, mora nos valados da Serra do Gerês, em Portugal.

Obras

Réquiem op. 1 (Peça de teatro, 1964)

Inúteis como os Mortos (Peça de teatro, 1965)

O Homem Calado (Peça de teatro, 1965)

As Pulgas (Peça de teatro, 1983)

Laio ou o Poder (Peça de teatro, 1984)

Sargaços (Romance, 1984)

O Longo Tempo de Eduardo da Cunha Júnior (Romance, 1987)

O Homem Sentado (Peça de teatro, 1987)

Cor Local (Peça de teatro, 1988)

Guerrilha Urbana (Romance, 1989)

Judas (Peça de teatro, 1992)

Cinco Dias de Sagração (Romance, 1993)

Vestida de Sol e de Vento (Roteiro para vídeo, 1994)

Belo Horizonte: Caminhos (Roteiro para televisão, 1994)

A Solidão da Verdade (Romance, 1996)

Fractal em Duas Línguas (Antologia de contos, 1997)

Síndromes & Síndromes (e conclusões inevitáveis) (Antologia de contos, 1997)

O Circo das Qualidades Humanas (Roteiro para cinema, 1998)

Apenas Questão de Método (Romance, 2000)

Os Espelhos de Lacan (Romance, 2004)

Apenas Questão de Gosto (Romance, 2005)

Inéditos (1989/2006)

Inéditos

Apontamentos para um Teatro de Questionamento (Ensaio, 1986/1990)

Balancé Balançado (Peça de teatro, 1989)

Três Chopes (Roteiro de curta-metragem para cinema, 1999)

O Que Faria Casanova? (Antologia de contos, 2001)

Brazilian Way Of Life (Peça de teatro, 2002)

Classe A - Roteiro de curta-metragem para cinema, 2005

A Pata do Javali (Romance, em fase de criação, 2006)

Quem Falava de Marcello Pizzantini (Roteiro de longa-metragem para cinema, em fase de criação, 2006)

Prêmios Literários (Vencedor)

Prêmio Fernando Chinaglia 1981, Brasil

ROMANCE: O Longo Tempo de Eduardo da Cunha Júnior

I Concurso de Textos Teatrais Rede Globo/APATEDEMG 1982, Brasil

TEATRO: As Pulgas

Concurso Nacional de Literatura Cidade de Belo Horizonte 1984, Brasil

TEATRO: Manera, Doutor, Manera (Reescrita em 2002 com o título *Brazilian Way of Life*)

Concurso Nacional de Literatura Cidade de Belo Horizonte 1986, Brasil

TEATRO: O Homem Sentado

Prêmio Plural 1987, Cidade do México, México

CONTO: O Homem que já Sabia

Prêmio Nacional Clube do Livro de Literatura 1988, Brasil

ROMANCE: Guerrilha Urbana

Prêmio Instituto Nacional do Livro 1988, Região Sudeste, Brasil

ROMANCE: O Longo Tempo de Eduardo da Cunha Júnior

XX Concurso de Contos de Paranavaí 1988, Brasil

CONTO: Inúteis como os Mortos

Concurso Nacional de Contos Prêmio Paraná 1990, Brasil

CONTOS: Turistas são os Outros

Prêmio Plural 1990, Cidade do México, México

CONTO: Inúteis como os Mortos

Prêmio Plural 1990, Cidade do México, México

CONTO: Inúteis como os Mortos

Prêmio BDMG-Cultural de Literatura 1991, Brasil

TEATRO: Judas

Prêmio Cruz e Souza 1995, Brasil

CONTOS: Fractal em Duas Línguas

Prêmio Literário Terras de Lanhoso 1997, Portugal

CONTO: Os Homens e os Outros

Prêmio Caminho de Literatura Policial 1999, Portugal

ROMANCE: Apenas Questão de Método

Uma leitura do conto “Os Homens e os Outros”

Em pleno inverno, no mês de janeiro, num povoado do Minho, perto da fronteira, dois caçadores estão sentados em frente a uma lareira a conversar, usando uma linguagem demarcada por expressões pitorescas e pelo calão.

No decorrer da conversa, o mais velho conta ao rapaz acontecimentos das pessoas da terra e repara que Duardo não responde. O velho insiste e pergunta-lhe o que se passa, mas ele continua calado. Depois de tanta insistência do velho, Duardo conta-lhe que decidiu ir trabalhar para a Caniçada. O velho, surpreendido com tal decisão, tenta mudar-lhe as ideias, censurando-o e criticando-o, porque acha que Duardo deve continuar na terra, ser um homem livre e que deve continuar a caça, como todos os homens que vivem naquele povoado, sem ter que acatar ordens de alguém e viver como um prisioneiro. Duardo argumenta que como vai ser pai, não quer que o seu filho seja um fugitivo e que viva nas mesmas condições do pai, desejando-lhe um futuro diferente e melhor.

Entretanto, Libiana, que está grávida de Duardo, chega de se confessar e o velho dá-lhe a notícia, num tom crítico e de gozo. Duardo fica furioso, enfrentando-o, mas Libiana, afilhada do velho, tenta acalmar Duardo, manifestando também o seu desagrado com a decisão tomada por ele. Duardo pega na sua arma e sai para caçar, seguido pelo velho e pelo cão.

Sobem a serra coberta de neve, caminhando com dificuldade, enterrando-se na neve até aos joelhos. Continuam a subir a serra. Duardo, apressado, é interrompido pelo velho que lhe pergunta onde ele vai, Duardo diz-lhe que vai às cabras. Ao longe, ouvem o cão a ladrar e acham que deve estar por perto uma lebre e apressam-se. O velho foi ficando para trás. Duardo observa a paisagem do povoado e conclui que a serra é dura e madrastra, mas que é deles e é onde se sentem bem, por isso, decide não ir para a Caniçada trabalhar na barragem. Em seguida, avista uma toca que lhe parece ser de raposa. O cão entra na cova, Duardo aponta a arma. De repente, um guarda aponta-lhe uma arma ao pescoço e pede-lhe que entregue a arma. À medida que o velho se aproxima, dá um tiro para a neve, gerando uma discussão. O guarda foge desarmado e os dois continuam a caça. Pouco tempo

depois, avistam mais dois guardas e escondem-se, mas o cão que os acompanha dá o alerta. Os guardas aproximam-se deles e os caçadores combinam fugir: um subindo a serra e o outro descendo.

O velho só apareceu em casa à noite, friorento e com a roupa molhada. Duardo e Libiana recebem-no contentes por estar vivo e perguntam-lhe o que aconteceu. O velho confessa-lhes que matou um guarda e que irá fugir para a fronteira. Duardo queria acompanhá-lo, mas o velho recusou e argumentou que alguém tinha de ficar, porque os guardas vão tentar subir a serra e alguém os tem de impedir.

O velho aconchegou-se ao lume à espera que nevasse para subir a serra e fugir para a fronteira.

Cultura

A tradição da caça atravessa gerações

Caça humana

Desde os primórdios que a caça constitui a principal fonte de alimento do Homem.

Porém, a expansão populacional e o desenvolvimento da civilização tornaram o extrativismo natural – a coleta, a caça e a pesca, insuficientes para o abastecimento da população. A obtenção dos alimentos é provida, primordialmente, pela agricultura e pela pecuária, tendo a pesca resistido até aos dias de hoje, atingindo a escala industrial.

Embora a caça para o sustento ainda resista até aos dias de hoje, ocorre em pequenas comunidades isoladas, como algumas tribos indígenas, por exemplo. Outra modalidade de caça é a desportiva, que ganhou importância com o passar dos séculos.

Caça Desportiva

Esta modalidade de caça não visa a obtenção de alimentos, mas a conservação de tradições, a emoção da perseguição e/ou do abate, entre outras.

Com a extinção ou ameaça de extinção de algumas espécies foi necessária a criação de normas reguladoras da caça, que só é permitida em locais determinados para certas espécies, em épocas

determinadas e em quantidade limitada. Em alguns países, a proibição é total.

Ideologia da caça

A caça é uma das mais antigas atividades do ser humano em favor da sua sobrevivência. A antropologia admite que a espécie humana só atingiu o atual desenvolvimento mental a partir do momento em que os primeiros hominídeos deixaram de ser coletores para se tornarem omnívoros. Este facto foi determinante para o desenvolvimento do senso de colaboração entre os humanos, bem como no desenvolvimento de ferramentas. O instinto de caçar está presente no ser humano, seja na sua forma original ou na prática de desportos que ritualizam simulações de caçadas.

A atividade cinegética tem sido o produto de uma longa história de mutação social em torno de representações problemáticas que durante séculos sustentaram as relações entre proprietários e caçadores. A caça e o mundo rural estão interligados por razões de sociabilidade. Na verdade, a caça envolve uma dupla relação de familiaridade e amizade com os animais domésticos e de hostilidade e agressividade para com o mundo selvagem, inculto e misterioso. A caça como elemento cultural estruturante de uma sociedade faz parte da idiossincrasia dos habitantes rurais, que se transmite de pais para filhos. Falar hoje sobre caça, significa colocar meios técnicos à disposição das populações e ecossistemas, economia e emprego ligados aos equipamentos e infraestruturas, atividade desportiva sociocultural e de ócio, enfim, um conjunto de interações que repousam sobre a melhoria de vida e que constituem o objetivo prioritário da gestão cinegética.

A caça, como recurso natural renovável, tem ainda uma componente regional que não deve ser menosprezada, pois o seu correto aproveitamento é fonte de riqueza e de bem-estar para as populações das zonas mais desfavorecidas.

O abate de animais por desporto é praticado por povos em todo o mundo, independente do credo ou etnia. O ato de caçar tem implicações de carácter ético e, para a maioria das pessoas, trata-se de uma questão do foro íntimo.

A caça por desporto continua presente, onde houver condições para a sua prática. É um instinto tão espontâneo que pode ser facilmente observado logo na primeira infância.

A subsistência do desporto da caça em áreas milenarmente ocupadas no Velho Mundo torna inquestionável que um manejo adequado somado à preservação e recuperação das áreas silvestres fazem da caça um desporto plenamente sustentável.

O imenso progresso nas condições de vida registado na segunda metade do século XX gerou uma urbanização sem precedentes, além de uma melhoria e dinamização dos processos produtivos de carne e derivados.

Assim, aliado à penetração de valores de preservação a caça começou a ser discutida de forma mais intensa na sociedade. Muitos grupos defendem a proibição irrestrita da caça, especialmente da caça desportiva.

A caça de subsistência ainda é praticada por comunidades indígenas ou de regiões mais isoladas do globo.

Mesmo os praticantes e defensores da prática da Caça para fins desportivos, culturais ou tradicionais tendem a apoiar atitudes de preservação e de diminuição dos danos à natureza que tal prática pode causar.

Caça, sustentabilidade e desenvolvimento rural

Nos países europeus, a caça tem sido praticada e regulada há centenas de anos, havendo hoje fauna abundante - mesmo nas nações que atravessaram duas guerras mundiais, e que hoje são altamente industrializadas e urbanizadas.

Nos Estados Unidos a caça amadora movimenta uma economia de US\$ 13 bilhões (The Economist-1992), dos quais expressiva parcela arrecadada e destinada, segundo a Lei Pitman-Robertson, para sustentar e ampliar magníficos sistemas de Refúgios Naturais de Vida Selvagem que protegem milhões de hectares de áreas naturais. O estado americano da Pensilvânia adicionará R\$ 1,43 bilhões de atividades económicas incluindo o dia de domingo à temporada de caça, o que contribui para a sustentação de 7500 empregos e gera R\$100 milhões em impostos estaduais e municipais.

Nos EUA, Canadá e México existe uma taxa (Ducks Unlimited - DU), que é cobrada aos caçadores amadores e que é revertida

para a preservação de ambientes naturais. Só no Canadá, entre os anos de 1938 e 1996, o DU protegeu 6.072.791 ha e ampliou áreas já protegidas em 1.228.132 ha. Neste mesmo período de 58 anos, o DU do Canadá investiu US\$ 700 milhões na preservação de 7,3 milhões de hectares.

Noutros países de rígida gestão ambiental, como é o caso da Austrália, também é permitida a caça controlada nos seus territórios.

Uma leitura do conto “ Os Homens e os Outros”

Organize as sequências narrativas correspondentes ao desenvolvimento da ação:

	Pouco tempo depois, avistam mais dois guardas e escondem-se, mas o cão que os acompanha dá o alerta. Os guardas aproximam-se deles e os caçadores combinam fugir: um subindo a serra e o outro descendo.
	No decorrer da conversa, o mais velho conta ao rapaz acontecimentos das pessoas da terra e repara que Duardo não responde. O velho insiste e pergunta-lhe o que se passa, mas ele continua calado. Depois de tanta insistência do velho, Duardo conta-lhe que decidiu ir trabalhar para a Caniçada.
	Entretanto, Libiana, que está grávida de Duardo, chega de se confessar e o velho dá-lhe a notícia, num tom crítico e de gozo. Duardo fica furioso, enfrentando-o, mas Libiana, afilhada do velho, tenta acalmar Duardo, manifestando também o seu desagrado com a decisão tomada por ele. Duardo pega na sua arma e sai para caçar, seguido pelo velho e pelo cão.
	O velho confessa-lhes que matou um guarda e que irá fugir para a fronteira. Duardo queria acompanhá-lo, mas o velho recusou e argumentou que alguém tinha de ficar, porque os guardas vão tentar subir a serra e alguém os tem de impedir.
	Em seguida, avista uma toca que lhe parece ser de raposa. O cão entra na cova, Duardo aponta a arma. De repente, um guarda aponta-lhe uma arma ao pescoço e pede-lhe que entregue a arma. À medida que o velho se aproxima, dá um tiro para a neve, gerando uma discussão. O guarda foge desarmado e os dois continuam a caça.

	O velho aconchegou-se ao lume à espera que nevasse para subir a serra e fugir para a fronteira.
	Em pleno inverno, no mês de janeiro, num povoado do Minho, perto da fronteira, dois caçadores estão sentados em frente a uma lareira a conversar, usando uma linguagem demarcada por expressões pitorescas e pelo calão.
	O velho, surpreendido com tal decisão, tenta mudar-lhe as ideias, censurando-o e criticando-o, porque acha que Duardo deve continuar na terra, ser um homem livre e que deve continuar a caça, como todos os homens que vivem naquele povoado, sem ter que acatar ordens de alguém e viver como um prisioneiro. Duardo argumenta que como vai ser pai, não quer que o seu filho seja um fugitivo e que viva nas mesmas condições do pai, desejando-lhe um futuro diferente e melhor.
	Sobem a serra coberta de neve, caminhando com dificuldade, enterrando-se na neve até aos joelhos. Continuam a subir a serra. Duardo, apressado, é interrompido pelo velho que lhe pergunta onde ele vai, Duardo diz-lhe que vai às cabras. Ao longe, ouvem o cão a ladrar e acham que deve estar por perto uma lebre e apressam-se. O velho foi ficando para trás. Duardo observa a paisagem do povoado e conclui que a serra é dura e madraستا, mas que é deles e é onde se sentem bem, por isso, decide não ir para a Caniçada trabalhar na barragem.
	O velho só apareceu em casa à noite, friorento e com a roupa molhada. Duardo e Libiana recebem-no contentes por estar vivo e perguntam-lhe o que aconteceu.

Exploração do Vocabulário

Explique, por palavras suas, os vocábulos sublinhados nos segmentos textuais retirados do conto «Os Homens e os Outros»:

- Vais pra onde, <u>catano</u> ?	
- Estás <u>doudo</u> , rapaz?	
-É por mor do nosso filho.	
- <u>Catano</u> ! O que é que tu tens, rapaz?	
- Vento <u>de reconco</u> . Não tarda a parar.	
- <u>Carago</u> ! Vou pra Caniçada, já disse.	
- Estás <u>doudo</u> , <u>catano</u> ?	
- <u>Porra</u> , rapaz!	
- O velho coloca a vareta na espingarda e prende os polvorinhos e os <u>chumbeiros</u> à cintura.	
- Rapariga, tu não vives com um homem. Vives com um <u>cagão</u> , <u>catano</u> !	
- Escondidas entre os matos e as urzes, as <u>charrelas</u> <u>ciscam</u> a neve e piam, e os corços <u>retouçam</u> as folhas geladas dos silvedos.	
- O cão corre na frente, a farejar as <u>touceiras</u> que encontra no caminho. Sempre calados,	
- Mas cá em <u>riba</u> canta outro galo.	
- <u>Aboca</u> , Farrusco!	
- Levanta a <u>mauser</u> e mira o peito do rapaz.	
- O velho retira o <u>percussor</u> e guarda-o no bolso da samarra, e quebra a coronha na laje.	
- Ainda estão por aí <u>amoutados</u> , pá. De certeza!	

Curiosidades da Língua

Em cada um dos provérbios falta uma ou duas palavras que foram substituídas por traços. Complete-os.

Tanta chuva pelas candeias, tantas abelhas pelas _____.

Ter pena dos outros é pior que ter pena de ____.

Faz o mal, espera _____.

De quem não é prudente, afaste-se _ _____.

Não te metas a comprar o que ____ _____ pagar.

Quanto mais uma pessoa se baixa mais o __ se lhe __.

Ou uma pessoa mata ou uma pessoa _____.

Quem gasta mais do que tem, a _____.

Quem mata um, mata _____.

No aperto e no perigo é que __ _____ o amigo.

Amigo na necessidade, _ _____ de verdade.

Cão que ladra não _____.

As personagens

Atente nos segmentos textuais apresentados do conto «Os Homens e os Outros», procedendo ao levantamento dos adjetivos que caracterizam as diferentes personagens:	
Velho	Adjetivos - Velho
Um é velho e tem a pele da cara vermelha e marcada das bexigas. Na nuca, as rugas cor-de-rosa formam losangos imperfeitos, e os cabelos são compridos e crespos. É alto e magro, e os olhos, da cor da cinza, são inquietos e frios. Sentado no escano, ao lado do companheiro, mexe constantemente na lareira com a vareta da espingarda.	
Duardo	Adjetivos - Duardo
O outro homem ainda é novo. Tem, também, a pele da cara vermelha e curtida do vento e da geada, e os olhos são iguais aos do velho. Só não são tão inquietos, nem tão frios. Vestem ambos velhas samarras de bombazina, forradas de pele de raposa, e calçam chancas tachadas, de couro cru. Estão imóveis há muito tempo.	
Libiana	Adjetivos - Libiana
É mais nova do que o rapaz, mas também tem a pele da cara vermelha e curtida do vento e da geada. A mulher olha para o velho e, a seguir, olha para o rapaz. - É verdade, Duardo? - Carago! É por mor do nosso filho. - Caraças! O nosso filho ainda não nasceu. A mulher corre também e coloca-se entre os dois. - A rapariga foi à missa?	

Ricardo Lêndegas e o Mistério da Oliveira Galega

Apresentação do autor



Fernando Pinheiro nasceu em Barcelos, em 1949. Aí concluiu a instrução primária e a partir de 1958 frequentou estudos secundários no Liceu Sá de Miranda, de Braga. Licenciou-se em Direito na Universidade de Coimbra, em 1988.

Foi professor de diversos graus de ensino, entre 1973 e 1998, tendo lecionado disciplinas da área do Teatro. Colabora com regularidade em diversos projetos editoriais, quer ao nível da comunicação social, quer ao nível da edição.

Entre outros títulos, Fernando Pinheiro é autor dos seguintes livros:

Constantino, Guardador de Vacas e de Sonhos, 1985, adaptação teatral da obra de Alves Redol

O Pátio das Comédias, 1991, adaptação de teatro de cordel do séc. XVIII

O Grande Julgamento das Taberneiras de Lisboa, 1994, adaptação de teatro de cordel

A Forasteira, romance, 1991

Sete Salmos e Uma Lenda, 2002, contos

O Pugilista de Deus e Outros Contos, 2005.

Uma leitura do conto “Ricardo Lêndeas e Mistério da Oliveira Galega”



Era uma vez um lavrador de nome Ricardo Lêndeas.

A sua paixão e a sua vida eram as árvores, especialmente a oliveira galega.

Homem nascido, criado e casado em Santa Leocádia do Monte, era pouco mais que analfabeto.

Ricardo Lêndeas casou novo com uma feia chamada Rola que sofria com o infortúnio da infertilidade. Fizeram de tudo para ter filhos, mas sem sucesso.

Com o passar do tempo, nasceu um amor entre o lavrador e as oliveiras, que o mesmo tratava como a filhos.

Um dia, o povo da aldeia descobriu um fenómeno na oliveira galega (nos anos impares dava azeitonas pretas retintas; nos anos pares dava azeitonas verdes mosqueadas a roxo) logo associaram esse fenómeno a bruxarias. “Proclamando assim um auto de fé”.

Ricardo Lêndeas só escutava o seu coração ofendido, mas como a voz do povo tem muito poder, o auto de fé foi concretizado. Perante tão grande injustiça Ricardo Lêndeas demonstrou a sua aflição, mas de nada adiantou. Sendo ele um homem de fé, recomendou a alma da oliveira a Deus. Esta elevou-se e partiu.

Cultura

Santa Leocádia do Monte – Barcelos



Santa Leocádia do Monte é a única freguesia que pode apresentar os documentos escritos mais antigos para legitimar o determinativo de “TAMEL” do seu nome, o qual aparece, desde o princípio, como “De Sancta Leocádia de Tamial”.

Todas as outras freguesias desta zona do Vale do Tamel ainda conservam esse atributivo há mais de um século.

O nome de Tamel passou a ser mais genérico como topónimo. Como antropónimo ou nome pessoal é muitíssimo mais antigo se o ligarmos a S. Tamel, que foi martirizado no Século II, no império de Adriano, imperador romano.

Situada entre Carapeços e Abade de Neiva, esta freguesia permaneceu isolada e escondida através dos séculos, até aos nossos dias, entre o Monte da Silva (em Abade de Neiva) e o Alto da Corujeira (da serra de Tamel), pelo norte. Do vale ao alto da serra confronta com Carapeços e Quintiães pelo nascente, com Fragoso e Feitos, pelo norte, a poente com Vilar do Monte, Abade de Neiva e Silva, pelo sul.

O primeiro autocarro de passageiros chegou ao Sobrado, no centro geográfico da terra, vindo do lugar da Varziela, pela nova estrada, em 31-05-1981. Até esta data, apenas os carros ligeiros, idos de Carapeços, alcançavam o mesmo lugar por difíceis calçadas e caminhos alargados.

Depois com o prolongamento da estrada até Carapeços, no fim de 1982, ficou inteiramente aberta ao mundo exterior e começou uma nova era para Santa Leocádia

Nesta freguesia e de cada lado do Monte de Corujeira brotam as fontes do Padre João (a ocidente) e de São Tomé (oriente), que são as nascentes do Rio Velho, dito a Ribeira do Inferno e do Rio de São Tomé ou da Seara, onde chegam as mais elevadas ramificações do Rio Tamel. Este rio está implicitamente escrito e registado com este nome.

O culto apotrópico, que os povos primitivos prestavam aos deuses para esconjurar malefícios, sacralizou os lugares onde era exercido. E neles foram implantados monumentos religiosos e outros sinais evocativos das suas divindades. Mais tarde esses lugares foram cristianizados com monumentos cristãos.

Estavam localizados em lugares visíveis, junto das fontes, nas pontes, nas encruzilhadas e outros lugares de passagem. Ignora-se se a Capela de S. Tomé, da qual restam o pé do altar e vestígios dos alicerces, num sítio ermo e tão elevado, sobre a nascente do Rio da Seara ou de S. Tomé, como é mais conhecido, não terá vindo substituir e ocultar algum desses cultos anteriores.

Santa Leocádia tem uma história rica. Situada no extremo poente do Vale do Tamel, era terra não reguenga e tinha 5 casais pertencentes à Ordem dos Templários e 2 à Ordem do Hospital. Desse tempo ainda conserva a Capela-mor onde, nas obras de restauro de 1983, apareceram a mesa e o pé do altar primitivos. O pé de altar tem um facetado visigótico e parece ter sido preparado

a partir de um silhar proveniente de uma mais que provável construção romana, segundo parecer do catedrático e arqueólogo, Doutor C. A. Brochado de Almeida. A igreja românica com os restantes documentos líticos reunidos num pequeno núcleo museológico comprova a antiguidade desta freguesia. Lá, vê-se mais uma base e pedaços incompletos das colunas que suportavam um galilé à frente da porta principal, duas pias antigas de batismo, sendo uma facetada com doze panos e um marco de Casa de Bragança, encontrado no Monte da Corujeira, num plano superior ao da capela de S. Tomé.

Esta freguesia conserva na encosta as ruínas de catorze moinhos hídricos, três no Rio Velho, dez no do Sobrado e um no Rio de S. Tomé, na Quinta da Penha Longa. Ainda funcionam os moinhos do Diogo, do Lixo, do Domingos Mateus e o do Sobrado, no centro do lugar. E no alto da Buraca, sobranceiro ao Rio Velho, apareceram as ruínas de um moinho de vento com cerca de um metro de altura, mal conhecidas. No dia 8 de Janeiro de 1961, foi a inauguração oficial e solene da Escola Primária pelo Senhor Dr. Baltasar Rebelo de Sousa, Subsecretário do Estado da Educação Nacional.

Exploração do vocabulário

Estabeleça a correspondência entre os vocábulos sublinhados na coluna da esquerda e os seus possíveis significados na coluna da direita:

1	«...juntamente com <u>pilriteiros</u> , silvas...»	Pilriteiro	a	Insípido. Sem graça.
2	«...Ricardo Lêndas casara ainda moço... com Rola, rapariga <u>desenxabida</u> que <u>jamais</u> ...»	Desenxabido	b	Planta da família das rosáceas.
3	«...os tempos das trevas e do <u>paganismo</u> ...»	Paganismo	c	Religião dos pagãos. Politeísmo, gentilismo.
4	«...Fernanda, por <u>cognominação</u> popular...»	Cognome	d	Viveiro onde se semeiam plantas hortenses para transplantá-las. Leira ou tabuleiro de horta.
5	«...Alteava a voz um dos <u>mazorros</u> sobre...»	Mazorro	e	Epíteto. Apelido. Alcunha.
6	«...um dos mazorros sobre a <u>turbamulta</u> do tasco...»	Turbamulta	f	Grande número de gente reunida. Magote, Multidão, Populaça Grande número de gente desordenada ou em tumulto
7	«...como um melro que do <u>alfobre</u> espreitasse...»	Alfobre	g	Mazorral. Preguiçoso. Indivíduo mazorral.

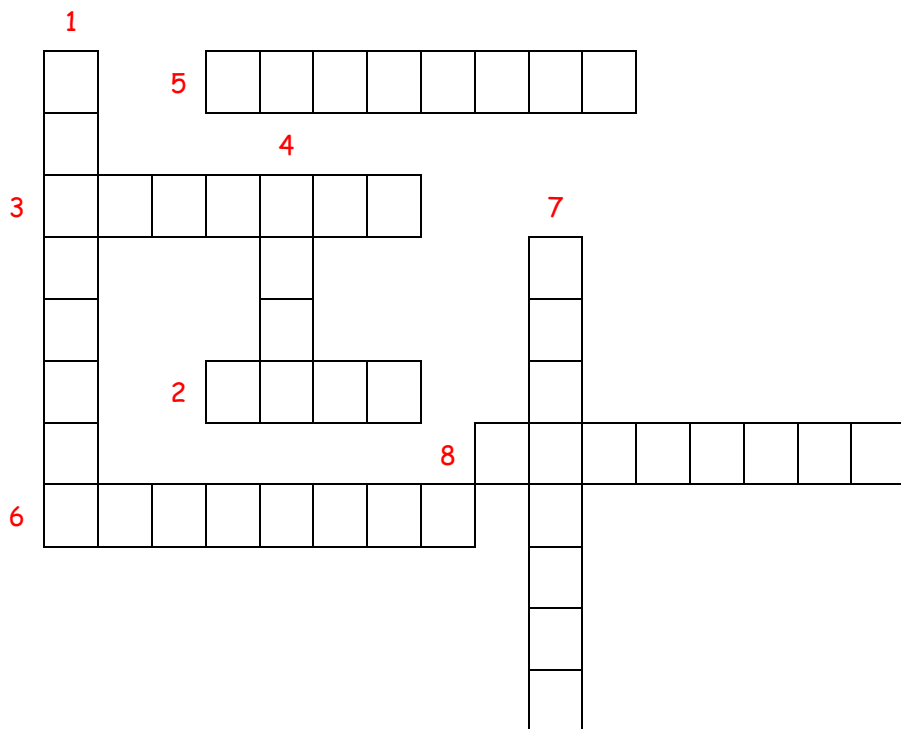
1	2	3	4	5	6	7

Sopa de letras

Descubra as palavras que a seguir se apresentam, mas que estão “escondidas” nesta sopa de letras:

O	S	C	D	C	A	R	V	A	L	H	O	T	N	U
W	L	C	A	S	T	A	Y	H	E	J	I	P	E	T
D	A	I	W	F	R	U	I	K	M	F	Y	E	S	A
V	D	G	V	E	F	T	B	G	A	E	V	R	P	R
B	X	R	U	E	R	A	I	R	C	D	F	E	E	I
C	C	D	H	D	I	T	D	A	I	A	E	I	R	E
E	V	W	V	G	R	R	O	S	E	R	S	R	E	I
D	B	A	F	B	H	O	A	D	I	T	A	A	I	C
R	N	A	R	U	T	R	A	Y	R	J	A	K	R	A
O	A	R	I	E	J	N	A	R	A	L	V	E	A	M
A	C	A	S	T	A	N	H	E	I	R	O	Y	U	I
A	R	I	E	F	R	E	J	E	R	Y	A	F	Y	J
U	E	R	A	Y	I	K	O	R	I	E	O	M	I	L
O	T	P	I	L	A	C	U	E	R	F	D	A	C	U
J	U	G	P	I	N	H	E	I	R	O	H	R	A	X

OLIVEIRA	NESPEREIRA	CARVALHO
PINHEIRO	EUCALIPTO	CEDRO
MACIEIRA	PEREIRA	AMEIXEIRA
LIMOEIRO	CASTANHEIRO	LARANJEIRA



CRUCIGRAMA

- 1- Nome próprio do autor do conto.
- 2- Um símbolo de Portugal.
- 3- Nome da principal personagem do conto.
- 4- Nome da esposa da personagem principal.
- 5- Concelho onde se desenrola a ação.
- 6- Nome da árvore.
- 7- Nome do fruto.
- 8 – Apelido do autor do conto.

Uma leitura do conto «Ricardo Lêndeads e o Mistério da Oliveira Galega».

Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as afirmações abaixo transcritas, tendo em conta o desenvolvimento da ação do conto.

	V	F
Ricardo Lêndeads era advogado?		
Rola era a irmã mais velha de Ricardo Lêndeads?		
As azeitonas nos anos pares eram verdes?		
O Povo da aldeia queimou a Oliveira Galega?		
As castanhas do castanheiro eram o fenómeno da aldeia ?		
Os dois filhos de Ricardo Lêndeads eram a sua paixão?		
Ricardo Lêndeads era ateu?		
Ricardo Lêndeads encomendou a alma da oliveira a Deus?		
A personagem principal deste conto era o padre da aldeia?		
Santa Leocádia do Monte situa-se no distrito do Porto?		
Rola era uma mulher linda?		

As Personagens

Descubra os adjetivos que caracterizam a oliveira, preenchendo os espaços.

S _ _ _ _ _

P _ _ _ _ _

N _ _ _ _

P _ _ _ _ _

D _ _ _ _ _

Substitua nas frases seguintes a expressão sublinhada pelo adjetivo - grau superlativo absoluto sintético.

A Oliveira é a árvore mais generosa. _____

Ricardo Lêndas era um homem muito humilde. _____

A lenha doce das podas é de todas as madeiras a preferida do fogo. _____

Era uma oração secreta. _____

Ricardo Lêndas era apaixonado pela Oliveira Galega. _____

Ricardo Lêndas não passava de um lavrador remediado. _____

O Eucalipto de Moure

Apresentação do autor



João Manuel Lobo de Araújo nasceu a 14 de Outubro de 1951 na freguesia de Santa Maria de Mós, concelho de Vila Verde.

Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, mestre em Estudos Europeus pela Universidade do Minho e doutorando em Direito pela Universidade de Santiago de Compostela, João Lobo tem-se dedicado ao exercício da advocacia, sendo ainda professor da Universidade Fernando Pessoa e da Universidade Católica Portuguesa. É fundador da Associação Cultural e Literária Autores de Braga.

Obras do autor:

Para além de um conjunto de livros da área do Direito é autor das seguintes obras de ficção:

A Praga (romance, 1985); *O Paredão dos Lacraus* (evocações, 1986); *A Fonte do Ídolo* (evocações, 1987); *A Fantástica Aventura de Salomé Roconquilha e o seu cão Tirone* (romance, 1991); *Sol no Eirado* (contos, 1991); *Olhar Suspenso* (diário, 1991); e *Pequeno Dicionário da Infância* (1997).

Uma leitura do conto “O Eucalipto de Moure”

Tudo principiou quando o velho Eufrónio divulgou na aldeia que se passavam coisas estranhas com o antiquíssimo eucalipto.

O velho Eufrónio passava os seus dias sentado num banco de pedra no jardim e ali se deixava ficar. Ali perto, na testeira do largo, erguia-se o tronco poderoso de um eucalipto, entre a cidade de Braga e Ponte Lima.

Um dia, Eufrónio avisou as pessoas da aldeia que o velho eucalipto começara a tossir e que teria os dias contados.

Lentamente, o dia fechou-se e aproximou-se uma noite de terror: chegaram do Sul uns pássaros medonhos que se aproximaram da copa do velho eucalipto e cortaram alguns dos seus galhos. Eufrónio contou que o eucalipto se encontrara indefeso perante tal ataque, só ele pôde presenciar o momento único e grave em que o velho eucalipto, num momento de raiva e desespero, afugentou os pássaros.

Eufrónio permaneceu no seu banquinho, lamentando a mortal sina da árvore. Assim, contou o velho, a todos quantos quiseram ouvir.

Cultura

Eucalipto de Moure

O eucalipto, da espécie *Eucalyptus globulus* (a árvore mais abundante das que foram introduzidas em Portugal), era um dos mais notáveis exemplares existentes no nosso país, tendo, infelizmente, secado nestes últimos anos.

O *Eucalyptus diversicolor* com mais de 70 metros, que se presumia ser a árvore mais alta do país e da Europa, localiza-se na Estrada nacional 201 entre Braga e Ponte de Lima.



Curiosidades da Língua

Os nomes coletivos são os que designam no singular, um grupo ou conjunto de indivíduos da mesma espécie.

Procure emparelhar cada nome coletivo com a letra que lhe corresponde.

Como se denomina...?

Um grupo de pássaros	A		1	Matilha
Um grupo de porcos	B		2	Alcateia
Um grupo de camelos	C		3	Quadrilha
Um grupo de cabras	D		4	Esquadrilha
Um conjunto de pessoas	E		5	Rancho
Um conjunto de atores	F		6	Cabrada
Um conjunto de soldados	G		7	Cordilheira
Um conjunto de aviões	H		8	Olival
Um conjunto de serras	I		9	Elenco
Um conjunto de oliveiras	J		10	Exército
Um conjunto de pescadores	K		11	Arquipélago
Um conjunto de ilhas	L		12	Companha
Um conjunto de ladrões	M		13	Cáfila
Um grupo de cães	N		14	Bando
Um grupo de lobos.	O		15	Vara

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O

Uma leitura do conto «O Eucalipto de Moure»

Descubra as palavras expressas ao longo do conto «O Eucalipto de Moure» na sopa de letras.

A	E	V	U	Y	T	G	H	K	L	O	M	A	R	E	T	Y	U	G	V	A	Q	W
N	V	E	L	H	O	O	I	L	O	P	O	R	D	F	G	J	I	K	L	O	L	D
T	K	N	M	K	Y	E	P	A	S	P	O	R	Q	I	O	L	I	M	A	I	O	C
I	J	B	G	H	S	U	S	R	G	J	O	A	E	M	Ç	J	O	U	R	I	I	F
Q	H	N	E	Y	I	C	O	X	O	G	O	S	D	B	P	R	L	Q	W	L	Ç	G
U	T	K	U	H	U	A	M	G	U	C	A	T	V	C	T	J	L	A	G	A	R	B
I	I	O	C	U	L	L	A	U	N	O	P	A	B	A	O	L	M	K	K	I	I	A
S	M	C	A	I	O	I	V	O	K	L	O	V	L	Q	A	U	O	I	I	L	M	N
S	U	I	L	K	I	P	R	Y	U	I	K	A	B	A	L	T	L	Q	K	U	A	C
I	H	T	I	L	A	T	O	S	S	I	R	M	B	V	T	E	E	M	J	J	T	O
M	L	A	P	A	G	O	F	F	T	Y	H	B	O	A	I	E	D	L	A	B	R	T
O	E	M	K	M	E	D	E	A	O	D	H	I	Y	O	J	I	O	P	T	E	A	G
R	V	G	I	I	T	E	V	T	S	N	N	O	H	I	O	D	R	K	A	D	U	H
T	N	I	V	L	N	M	E	S	S	O	U	Z	J	P	I	C	E	I	Q	A	Q	Y
N	H	N	F	E	E	O	R	E	R	I	O	I	M	U	K	P	L	L	U	T	C	U
E	K	E	V	D	R	U	E	F	I	U	H	U	N	I	F	I	H	P	E	H	D	I
D	I	D	C	E	F	R	U	A	N	D	A	J	V	V	B	K	A	A	I	Y	I	M
A	P	O	C	T	R	E	O	F	A	L	S	E	T	E	M	E	F	Q	E	N	T	Q
I	O	I	U	N	F	I	E	R	A	S	L	A	V	Z	O	L	A	M	U	L	D	A
U	L	K	I	O	S	X	X	V	G	N	I	K	L	O	L	H	A	R	F	R	I	O
O	V	M	L	P	O	D	E	R	O	S	O	D	A	V	Z	F	H	L	O	P	Ç	K
L	B	F	A	L	C	E	T	S	B	H	J	I	O	O	P	Ç	P	Ç	N	I	O	L
O	I	K	U	H	Y	T	R	F	V	E	E	R	D	T	H	Y	G	V	B	N	M	O

EUCALIPTO DE MOURE

MORTAL
ARRASTAVAM

BRAGA

ENIGMÁTICO

OLHAR FRIO

EUFRÓNIO

VELHO

TOSSIR

MAIO

PODEROSO

PÁSSAROS

PONTE DE LIMA

ANTIQUÍSSIMO

ALDEIA

BANCO

VOZ

ATAQUE

FALSETE

CORPO

Exploração do Vocabulário

Estabeleça a correspondência entre os vocábulos da coluna da esquerda e o seu significado na coluna da direita:

Absorto	A		1	Reluzente
Umbroso	B		2	Valente
Petardear	C		3	Sombrio
Pardacento	D		4	Conjunto de casas
Casario	E		5	Agachado
Garboso	F		6	Escuro
Estrídulo	G		7	Um tanto pardo
Macavenco	H		8	Esquisito
Lúgubre	I		9	Estridente
Anichado	J		10	Triste/Medonho
Sepulcral	K		11	Saltar
Hercúleo	L		12	Elegante
Coruscante	M		13	Distraído

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M

Os Moços de Rossas

João Marcos



Apresentação do autor

João Marcos Gonçalves Ribeiro nasceu em Rebordões Santa Maria, concelho de Ponte de Lima, distrito de Viana do Castelo, em 25 de Abril de 1921, terceiro filho do casal João Cerqueira e Maria Gonçalves Ribeiro. Descendente, pelo lado materno, de uma conceituada e influente família, tradicionalmente monárquica, oriunda de Vila Franca de Xira. Contestatário do regime salazarista desde que começou a pensar politicamente, estudante irreverente em constante desafio com a PIDE, viu-se obrigado a interromper os estudos secundários, emigrando para o Rio de Janeiro, onde viviam cinco tios maternos que ali se radicaram e onde constituíram família. Ali publicou o seu primeiro livro - "Polifonia Singela" - Versos da Juventude, de que saíram duas edições. Exerceu no Rio e em São Paulo atividades de secretário de Diretor e redator publicitário. Regressado a Portugal ao fim de oito anos, matriculou-se na

Fernando Araújo

Faculdade de Letras de Lisboa, onde se licenciou em Ciências Históricas e Filosóficas, dedicando-se então à docência nas disciplinas de Filosofia, História e Ciências Sociais. Aposentado desde 1983, veio a falecer em Lisboa a 6 de janeiro de 2005.

Algumas das obras de referência de João Marcos:

Polifonia Singela - Versos da Juventude, 1946.

Um Novo Mundo Perfeito, 1953.

Colonizados, 1976

Ode Terrestre - Separata do semanário, 1976.

Manhãs de Abril, 1994.

O Ser e o Nada, 1996.

Meu Verde Minho, 1997.

Epopéia do Homem Cósmico, 2000.

Balaio de Camarinhas, 2001.

Uma leitura do conto “Os Moços de Rossas”

João Marcos descreve o Gerês como sendo o “éden-perdido-do-mundo atual”, manifestando admiração não só pelos seus vales, prados verdes e nascentes de águas termais, mas também pelos usos e costumes dos seus habitantes: desde o pastoreio, às rezas a São Jerónimo e a Santa Bárbara para afugentar as trovoadas.

Certo dia, João Marcos resolveu conhecer o Jurés do lado galego. No entanto, não pensou em tudo, pois entrou em Espanha com pouca gasolina e só em Bande conseguiu encher o depósito.

Então, resolveu voltar pelo mesmo caminho que já tinha feito para Bande e, aí sim, teve a oportunidade de desfrutar da paisagem do lado galego.

Perto de Herdadiña, viu dois rapazes à boleia (um mais velho e outro que aparentava ter 20 anos). Inicialmente, pensou em não parar, mas depois pensou que se tivesse ficado sem gasolina também gostaria que alguém parasse para o ajudar. Assim, deu boleia aos dois rapazes que por mero acaso eram portugueses, naturais de Vieira do Minho - Rossas, mas que trabalhavam na Galiza, na construção civil.

Como era feriado nesse dia (Espanha), eles não tinham como ir para a Portela, por isso resolveram fazer-se à estrada a pé e tentar a sorte à boleia.

Os moços pediram a João Marcos para pararem em Lóvios para comprarem bacalhau; sem hesitar João Marcos acede, dizendo que aproveitava para comprar uns caramelos.

Compras feitas, dirigiram-se para a Portela e o narrador convida-os para o acompanharem até Albergaria, pois ia até à barragem de Vilarinho.

Chegados lá, os moços quiseram pagar a boleia, mas João Marcos não aceitou e disse que se um dia os encontrasse por Rossas aceitava um copo de vinho verde tinto.

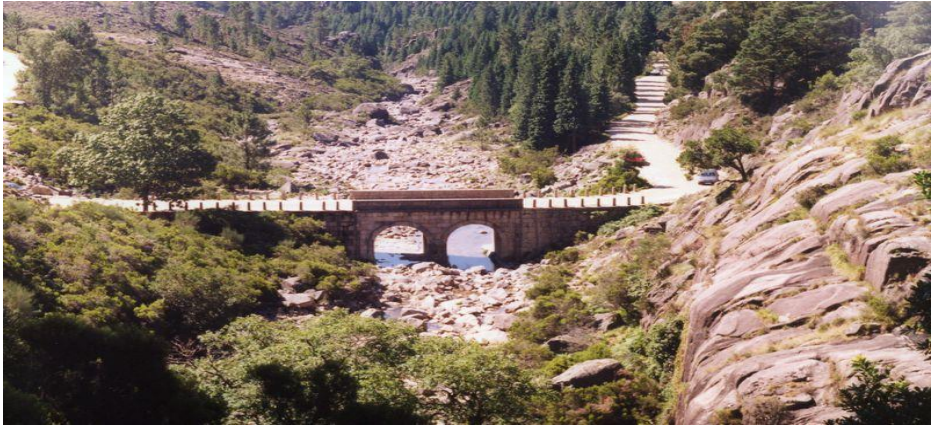
Os moços não ficaram convencidos com a resposta, então João Marcos resolveu deixar a visita à barragem para outra ocasião e levar os moços a Rossas.

Já em Rossas fizeram quase uma festa por ele os ter levado até à aldeia, gente pobre, humilde, mas muito simpáticos. Quase toda a

aldeia se juntou para conhecer quem é que tinha trazido os “espanhóis” para a aldeia. Moços da Cabreira e do Gerês simples, francos, com o coração ao pé da boca, todos eles o convidaram para comer e beber.

Então, a matriarca convidou-o para jantar, mas num tom e com uma certeza tão grande que ele não teve coragem de recusar. Depois do jantar, foram para a venda beber, ver televisão, jogar, mas, entretanto, começou a trovejar e a chover. As pessoas não o deixaram sair de Rossas, pois disseram-lhe que era perigoso fazer aquela estrada com aquele temporal. Como não conseguiu dizer que não, teve que pernoitar em Rossas.

Ao acordar, o sol brilhava e entravam os raios de sol pela janela, João Marcos abriu-a e ficou a admirar o sol e toda aquela beleza do amanhecer da serra. Pensou em tudo o que tinha acontecido na noite anterior. E pensou que tinha sido há pouco, mas o tempo voa e das nossas vivências ficam só fotocópias, as saudades tornam-se cada vez mais vivas à medida que o tempo vai morrendo.



O Parque Nacional da Peneda-Gerês ou conjunto serrano da Peneda-Gerês é o único parque nacional de Portugal e situa-se no extremo nordeste do Minho, estendendo-se até Trás-os-Montes, desde as terras da Serra da Peneda até a Serra do Gerês - daí a sua designação -, sendo recortado por dois grandes rios, o Rio Lima e Cávado. Fazendo fronteira com a Galiza, abrangendo os distritos de Braga (concelho de Terras de Bouro), Viana do Castelo (concelho de Melgaço, Arcos de Valdevez e Ponte da Barca) e Vila Real (concelho de Montalegre) numa área total de cerca de 70 290 hectares.

O Parque Nacional da Peneda-Gerês é considerado pela UNESCO como Reserva Mundial da Biosfera.

Logótipo do Parque

É uma das maiores atrações naturais de Portugal, pela rara e impressionante beleza paisagística e pelo valor ecológico e etnográfico e pela variedade



de fauna (corços, garranos, lobos, aves de rapina)
e flora (pinheiros, teixos, castanheiros, carvalhos e várias plantas

medicinais). Estende-se desde a serra do Gerês, a Sul, passando pela serra da Peneda até a fronteira espanhola.

Inclui trechos da estrada romana que ligava Braga a Astorga, conhecida como Geira. No parque situam-se dois importantes centros de peregrinação, o Santuário de Nossa Senhora da Peneda, réplica do santuário do Bom Jesus de Braga, e o de São Bento da Porta Aberta, local de grande devoção popular.

Nas localidades no interior do parque, a vida quotidiana mantém raízes firmes na tradição rural portuguesa. Algumas das de maior valor turístico são:

➤ Castro Laboreiro

Destaca-se pelo seu castelo medieval (Castelo de Castro Laboreiro). É famosa pela raça de cães Castro Laboreiro;

➤ Lindoso

Destaca-se por possuir o maior aglomerado de espigueiros antigos da Península Ibérica, e, pelo seu castelo do século XIII (Castelo de Lindoso).

➤ Pitões das Júnias

Ruínas do Mosteiro de Santa Maria das Júnias, construído em 1147.

➤ Soajo

Aldeia com grande aglomerado de antigos espigueiros, assentes num afloramento rochoso, com vistas para o vale do Rio Lima.

➤ Vilarinho das Furnas

Aldeia submersa pela construção da Barragem Vilarinho das Furnas no rio Homem.

➤ Fafião

Esta pitoresca aldeia destaca-se pela arquitetura popular antiga e pelas antigas tradições ainda preservadas.

➤ O fojo: a alma de (lobo em) Fafião!

Uma curva aqui, uma curva acolá por entre os penhascos e precipícios gritantes da magnífica Serra do Gerês, para conseguirmos encontrar a curiosidade que nos tinham relatado certo dia: o fojo do lobo, uma série de muros de pedra, construídos na Idade Média, que serviam como armadilha de lobos.



➤ O Vale (encantado) de Albergaria...

[Encantado] encantar, incantare: in=em; cantare="cantar", aqui com o sentido de "emitir palavras mágicas". Então encantar será "emitir palavras mágicas e lançá-las em alguém". Ou, então, "lançar um feitiço em alguém".

Façamos uma viagem no tempo a Portugal dos princípios do décimo oitavo século.

Centremos a viagem espacialmente no Norte de Portugal e desçamos a Vilar da Veiga e sua freguesia vizinha, Rio Caldo. Um espaço com espaço e sem confusão. Poucas casas, algum comércio. A comunidade é, essencialmente, composta por pastores que utilizam os prados do vale acima para apascentar os seus rebanhos.

A temperatura tem os extremos. Por um lado dias tórridos de Verão devido aos raios refletidos das altas montanhas, das águas termais e também dos incêndios florestais que os naturais costumam atear nos dias de maior calor e que as altas montanhas impedem a renovação de ar e a despectiva ventilação. Por outro lado, no Inverno, a presença do nevoeiro atraído pelos cumes das montanhas sendo encanado pelo vento Norte-Sul do vale das Termas e ainda a presença, sempre constante, de água indo

acabar na junção dos rios em Vilar da veiga o que torna, em muitos dias, as manhãs friíssimas.

Ora, a história começa, precisamente, nesses pastores que, nas suas idas e voltas com os rebanhos e nas caçadas que aí realizavam, terão percebido que, na margem esquerda do Rio, do lado Nascente junto à penha por onde, nesse tempo, o rio corria, elevava-se vapores da água o que pressupunha qualquer fenómeno não muito habitual. Tratando de desviar o rio para a base da montanha, encontraram logo diferentes nascentes de água termal quente.

A notícia espalhou-se logo por entre campos e caminhos indo ter a Covide, uma freguesia muito próximo de Vilar.

Aí existia um médico de nome Manoel Ferreira d'Azevedo que começou a aconselhar estas águas termais aos seus doentes. Estávamos no ano de 1699 e como nos doentes surgissem sinais efetivos de melhorias das suas doenças, logo fez com que mais e mais pessoas comesçassem a afluir àquele local. Este aumento de pessoas teve como consequência a abertura de mais poços e construção de cabanas para as protegeram das incúrias do tempo.

A notícia destes efeitos fenomenais chegaram aos ouvidos de D. João de Sousa, na altura Governador de armas da província, que logo mandou abrir um caminho para os cavalos que ali conduziam os doentes. À medida que iam aumentando os doentes que ali iam tratar das suas doenças, logo foram aumentando o número de poços e de barracas.

Assim se mantiveram durante cerca de trinta anos.

Por volta de 1730 vendo os habitantes o número cada vez maior de pessoas que ali acorriam e a cada vez mais evidente falta de acomodações logo pediram ao Rei, D. João V que olhasse para aquele novo e útil estabelecimento termal.

Logo o Rei aceitou a pertinência deste pedido e decidiu investir uma grande soma a fim de construir uma ponte sobre o rio Cávado as casas dos banhos, o Hospital, uma Igreja e casas de residência para o Capelão e outra para Professor clínico diretor das Caldas.

As casas dos banhos que foram construídas eram quadrangulares, terminadas em pirâmide, todas iguais, feitas em cantaria. Eram seis, porque havia seis nascentes, e cada uma tinha o seu nome: 1.ª Forte; 2.ª Contraforte; 3.ª Terceiro; 4.ª Figueira; 5.ª Fígado e 6.ª Bica.

Da igreja, que o rei mandou construir, ficou reduzida a Capela com capela-mor e um pequeno corpo. Esse corpo continha 14 sepulturas. Colocaram essa capela ao culto e veneração dos fiéis a imagem de Santa Eufémia por, segundo reza a história, ter sofrido martírio próximo desse local.

Percebeu-se que esta capela era muito pequena em determinadas ocasiões do ano designadamente nas alturas de maior ocorrência de termalistas. Foi construída com direção Norte-sul ao contrário daquilo que era normal acontecer, isto é, Nascente-Poente.

Por volta de 1885 a sacristia, que formava um corpo saído do resto da igreja, foi cortada e mudada para a outra face, com o objetivo de dar passagem à atual Avenida das Termas.

Nada existe hoje já desta capela que foi destruída em 1934 por conveniência urbanística e por ser realmente pequena para aquela cada vez mais crescente população. Em seu lugar está atualmente uma nova igreja, mandada construir nesse ano pela Empresa das Águas, maior mas baseada na traça da capela original. Foi inaugurada em 19 de Agosto de 1934 e contou, na sua inauguração com a presença das mais altas individualidades da altura.

As personagens

Complete a coluna da direita, respondendo às questões ou completando as frases da coluna da esquerda, com vista à obtenção de algumas das características das personagens deste conto.

Onde trabalhavam os moços?	
Os moços trabalhavam na área da ...	
Que idade aparentava o moço mais novo?	
Os moços quiseram gratificar o autor pela boleia como sinal de...	
Segundo o autor, os moços tinham uma determinada característica muito própria das pessoas de Rossas. Que característica era essa?	

Exploração do vocabulário

Estabeleça a correspondência entre os vocábulos da coluna da esquerda e o seu significado na coluna da direita.

1	DILÚVIO	A	Estado cíclico das fêmeas de muitos mamíferos, caracterizado por uma série de alterações fisiológicas favoráveis à fecundação e à gestação
2	BARROCO	B	Casa arruinada; edifício velho
3	MEDRONHO	C	Cume; Ápice; Cimo
4	ESFARRAPADO	D	Que está na idade juvenil, jovem.
5	VÉRTICE	E	Acompanhar ao lado; estar ao lado de; flanquear
6	BROTAR	F	Desfiado, rasgado em farrapos; Aquele que veste roupa rota; maltrapilho;
7	PARDIEIRO	G	Apreciado pelo seu sabor agridoce e pela sua utilização no fabrico de álcool
8	CIO	H	Uma aldeia rural à época de sua construção, mas atualmente um subúrbio de Paris
9	SADIO	I	Verão
10	VERSALHES	J	Relativo ou característico do estilo barroco; Ornamentado; exuberante; Figurativo: irregular; extravagante; Cova; barranco
11	ESTIO	K	Que causa inundações; torrencial
12	LADEAR	L	Sair do solo; desenvolver rebentos; rebentar
13	MOÇO	M	Que é bom ou próprio para a saúde; salubre; higiénico
14	HUMILHAR	N	Que teve mau êxito; gorado; frustrado; que morreu
15	AMABILIDADE	O	Cheio de pressa; azafamado; ativo; diligente; irrequieto
16	INCÓMODO	P	Silencioso; calado; taciturno; secreto; subentendido; implícito;
17	PRETENCIOSO	Q	Humildar; tratar desdenhosamente, com soberba; deprimir; vexar; confessar-se vencido
18	PRESSUROSO	R	Semelhante a cadáver; pálido; lívido;
19	TÁCITO	S	Estrondoso; estridente
20	FRAGOROSO	T	Qualidade de ser amável; delicadeza; afabilidade
21	CADAVÉRICO	U	Que não é agradável; que causa desconforto
22	MALGRADO	V	Que ou aquele que tem pretensões, presunção, vaidade ou orgulho

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22

Gentílicos ou pátrios

Chama-se gentílico ou pátrio ao nome que indica a nacionalidade, origem ou lugar de nascimento ou residência de alguém, ou proveniência de alguma coisa.

Indique os gentílicos ou pátrios correspondentes aos nomes indicados.

Um habitante de..... chama-se...

Gerês	
Póvoa de Lanhoso	
Castelo Branco	
Chaves	
Braga	
Guimarães	
Trás-os-Montes	
Viana do Castelo	
Coimbra	
Madeira	
Évora	
Porto	
Rossas	
Vila Verde	
Amares	
Terras de Bouro	

Sopa de letras

Descubra nesta sopa de letras alguns dos locais mencionados ao longo do conto “Os Moços de Rossas”.

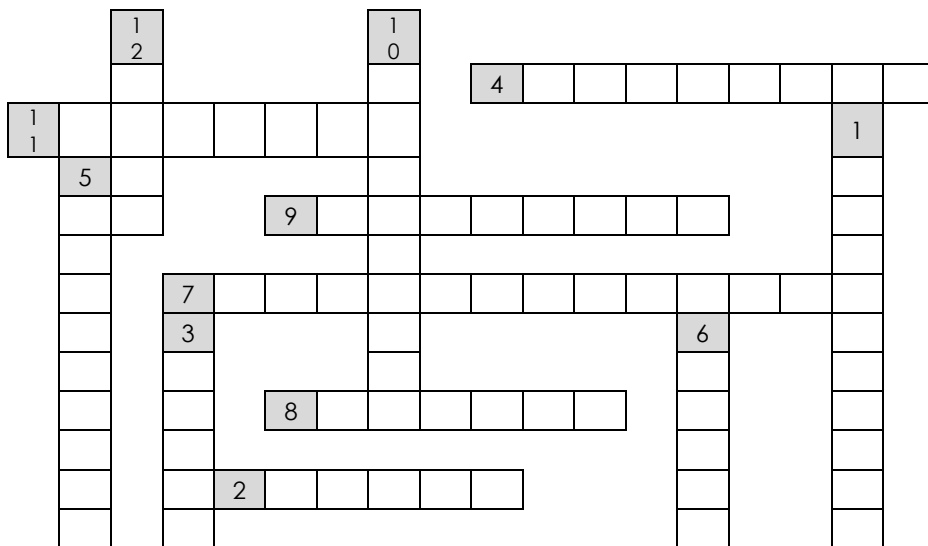
As palavras podem ser encontradas na vertical, na horizontal, na diagonal e da esquerda para a direita ou vice-versa.

V	I	L	A	R	I	N	H	O	D	A	S	F	U	R	N	A	S	Ñ	A	D	R	T	Y	A	I	O	P	F	G
L	R	Ñ	É	É	S	U	T	X	Ç	R	Z	J	Y	Q	P	M	T	A	X	O	Y	Z	L	K	B	Y	O	H	Ñ
Y	I	P	O	R	T	E	L	A	D	O	H	O	M	E	M	E	H	W	P	S	X	F	Ñ	É	S	Z	V	X	C
O	P	W	E	A	S	D	F	G	H	S	J	K	L	Ç	M	N	B	V	C	X	A	Z	A	A	S	S	H	O	M
É	S	Ñ	Z	P	R	T	Y	U	I	S	A	S	D	F	G	H	J	K	L	N	Q	W	E	R	R	T	J	E	Y
Z	A	X	C	V	B	N	M	A	S	A	D	F	S	G	H	J	K	L	D	Ç	Q	W	E	I	R	T	K	D	U
Ñ	Z	H	Q	R	G	E	R	Ê	S	S	H	P	X	E	H	K	K	E	C	V	T	L	T	O	P	Ç	L	N	Ñ
Q	I	W	E	R	T	Y	U	I	O	P	Ê	U	N	Ñ	V	D	G	T	Y	U	I	O	P	C	A	E	Ç	A	P
Q	L	A	S	D	F	G	H	J	K	L	Ç	E	Z	X	C	A	F	T	G	H	S	J	K	A	L	Ç	P	B	Z
C	A	S	T	E	L	A	N	N	E	A	S	B	Q	X	O	P	H	N	Q	É	C	V	T	L	Z	X	O	Ñ	É
Z	G	X	C	V	B	N	M	A	S	D	C	L	F	G	H	J	K	C	R	L	Ç	Q	W	D	E	R	U	T	U
Q	W	E	R	T	D	F	R	A	S	D	F	A	G	H	Z	X	C	U	V	B	G	T	H	O	A	Q	Ñ	A	P
W	S	A	L	A	M	O	N	D	E	X	Z	D	B	C	R	P	J	I	Q	E	T	C	V	K	U	A	L	P	Q
Q	Ê	Ê	A	I	C	V	B	N	M	M	Q	E	W	R	Ê	Ñ	Q	S	D	F	G	H	J	K	L	B	É	L	Ç
A	R	S	E	R	V	D	F	R	T	H	G	S	Ê	Ñ	E	A	E	R	T	Y	U	I	O	P	E	M	Q	B	G
Q	E	Ñ	Ê	R	I	O	H	O	M	E	M	A	Ê	Q	W	I	Z	X	C	V	B	N	M	R	A	S	W	Q	Q
P	G	O	I	U	E	Y	Y	T	Ñ	R	Ê	N	N	É	Á	R	R	A	T	Y	U	I	G	A	W	W	R	E	O
Ç	O	L	K	J	I	H	G	F	D	D	S	A	A	M	N	B	V	A	C	X	Z	A	Y	T	R	I	O	R	S
H	D	G	F	D	R	Z	A	Q	W	A	S	B	X	C	D	E	R	F	F	V	R	B	G	T	Y	H	N	P	O
Ç	A	P	O	L	A	K	I	Ñ	Ê	R	É	I	Q	A	Z	S	E	R	F	I	V	G	T	Y	U	H	O	U	H
C	R	D	E	W	D	B	F	E	R	I	O	A	P	Y	G	H	S	L	A	Ç	M	J	U	T	G	R	Ç	H	N
A	I	Ñ	Ê	S	O	Z	X	C	V	Ñ	N	M	L	Ç	P	O	I	R	T	T	Y	A	X	D	T	Q	R	S	A
R	E	Y	T	Y	M	Q	E	R	T	A	P	Q	A	S	D	R	R	T	Y	U	I	O	P	U	A	Q	W	Q	L
O	B	L	K	J	I	H	G	F	D	S	S	A	Z	X	C	V	R	F	G	H	J	K	G	Q	W	E	R	W	E
X	I	D	R	T	N	F	F	C	V	G	Y	U	H	B	F	D	A	S	A	R	T	A	P	L	K	J	G	Ñ	D
Ê	R	A	W	E	H	R	T	Q	E	R	T	Y	U	I	O	Ê	C	É	Z	Z	L	L	O	D	E	R	T	É	A
Q	W	E	Z	X	O	C	D	E	R	T	F	D	T	A	O	L	J	H	F	D	R	T	Y	I	O	H	G	R	O
C	A	B	E	C	E	I	R	A	S	D	E	B	A	S	T	O	S	A	Q	E	Ñ	R	T	Y	U	I	O	Y	V
A	S	D	U	R	R	R	T	E	S	P	A	N	H	A	Y	E	R	T	Y	U	É	V	E	R	I	N	E	A	O
Q	W	E	R	D	F	G	H	J	K	O	L	J	H	G	T	R	D	S	C	G	G	Y	U	J	H	F	R	E	P

GERÊS; RIO HOMEM; RIO CALDO; RIBEIRA DO GERÊS; CARRIS; PORTELA DO HOMEM; JURÉS; ALFANDEGA; BANDE; ESPANHA; PORTUGAL; HERDADIÑA; VIEIRA DO MINHO; ROSSAS; PÓVOA DE LANHOSO; CABECEIRAS DE BASTO; SALAMONDE; CHAVES; VERIN; PUEBLA DE SANABIA; CASTELA; GALIZA; ALBERGARIA; VILARINHO DAS FURNAS; CABREIRA.

Crucigrama

Complete o crucigrama que a seguir se apresenta, respondendo às questões:



Perguntas:

1. Quem é o protagonista deste conto?
2. Onde se inicia a ação?
3. Qual era a terra que o protagonista queria conhecer?
4. O autor, no seu percurso, apercebeu-se da falta de ... ?
5. Os dois moços pediram boleia perto de ...?
6. Qual o nome da cidade onde o autor deste conto encheu o depósito do carro?
7. Os dois moços pertenciam ao concelho de ...?
8. Qual o nome da povoação espanhola, onde os moços queriam comprar algo para levar para Portugal?
9. O que é que os moços compraram?
10. Quais eram os planos da personagem principal para esse final de tarde?
11. Qual o nome do lugar onde os moços residiam?
12. O protagonista ficou a dormir na cama de quem?

O Regresso

Apresentação do autor



José Leon Machado nasceu em Braga, no dia 25 de Novembro de 1965. Estudou na Escola Secundária Sá de Miranda e licenciou-se em *Humanidades* pela Faculdade de Filosofia de Braga. Frequentou o mestrado na Universidade do Minho, tendo-o concluído com uma dissertação sobre literatura comparada. Atualmente é Professor Auxiliar do Departamento de Letras da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, onde se doutorou em *Linguística Portuguesa*.

Tem colaborado em vários jornais e revistas com crónicas, contos e artigos de crítica literária. A par do seu trabalho de investigação e ensino, tem-se dedicado à escrita literária, especialmente à ficção. Influenciado pelos autores clássicos greco-latinos e pelos autores anglo-saxónicos, a sua escrita é simples e concisa.

Ganhou vários prémios literários, dos quais se destacam o Prémio Edmundo Bettencourt 2001 da Câmara Municipal do Funchal com a obra *Os Incompatíveis* (contos, Campo das Letras, 2002) e o Grande Prémio de Literatura ITF 2002 (atual DST) com a obra *Fluviais* (contos, Campo das Letras, 2001).

Obras do autor:

A Planta Carnívora (romance)

A Vendedora de Cupidos (romance)

Tratado da Alegria (poesia)

O Sapo Envergonhado (literatura infantil)

O Cavaleiro da Torre Inclinada (romance)

Memória das Estrelas sem Brilho (romance)

Jardim sem Muro (contos)

O Arrastar dos Dias (diário)

Braços Quebrados (romance)
O Construtor de Cidades (romance)
Prosa Versificada - II (poesia)
Os Incompatíveis (contos)
Fluviais (contos)
Memórias Quase Íntimas - III (diário)
O Empreiteiro (teatro)
A Forma de Olhar (romance)
Memórias Quase Íntimas - II (diário)
O Guerreiro Decapitado (romance)
Memórias Quase Íntimas - I (diário)
Prosa Versificada - I (poesia)
Na Ilha de Circe (romance)
A Sombra Sorridente (novela)
A Margem (romance)
Quero Cortejar o Sol (diário)

José Leon Machado (25 de Novembro de 1965, São João do Souto, Braga) é o pseudónimo literário de José Barbosa Machado, professor de Semiótica e de Língua e Cultura Portuguesas na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Portugal). É um dos autores da nova geração literária portuguesa

BIOGRAFIA

Nasceu na freguesia de São João do Souto, no centro da cidade de Braga, no dia 25 de Novembro de 1965. Filho de pais operários viveu a infância nos arredores da cidade (Parada de Tibães, Gondizalves, Mire de Tibães e Semelhe). Frequentou a Escola primária de Mire de Tibães (1976), a Escola Preparatória Dr. Francisco Sanches (1978), a Escola Secundária de Sá de Miranda (1981) e o Seminário Conciliar de Braga (1986).

Licenciou-se em Humanidades pela Faculdade de Filosofia de Braga em 1991. Começou em 1990 a trabalhar como professor na Escola Secundária de Vila Verde. Em 1997, termina o mestrado em Língua e Literatura Portuguesas na Universidade do Minho. Em 1999

vai trabalhar como assistente para a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, onde faz o doutoramento (2002).

Temática das suas obras

A temática das suas obras vai desde a questão das origens, passando pelo fim do mundo rural, até à perda da memória cultural da sociedade moderna. O seu estilo simples, sem ser simplista, destoa do panorama da literatura portuguesa atual, com tendências para a vulgaridade por um lado e para a obscuridade e o barroco por outro. A escrita do autor afasta-se destas tendências e tem um pendor clássico, dentro da tradição de Eça de Queirós e Vergílio Ferreira, sem porém cair na imitação fácil.

A sua produção literária é variada. No entanto, tem-se evidenciado como contista, com três coletâneas de contos publicadas: *Fluviais* (2001), *Os Incompatíveis* (2002) e *Jardim sem Muro* (2007); e como romancista de ambientes históricos: *O Guerreiro Decapitado* (um romance cuja ação se passa no século I d.C. durante a colonização romana do território que atualmente corresponde a Portugal), *Memória das Estrelas sem Brilho* (um romance sobre a participação dos Portugueses na Grande Guerra), e *A Vendedora de Cupidos* (um romance que se passa no contexto da segunda Guerra Mundial).

Os romances *O Cavaleiro da Torre Inclinada* (2009) e *A Planta Carnívora* (2011) refletem a experiência do autor como professor universitário, uma vez que a temática destas obras é a vida académica. Aproximam-se, no uso da ironia e nalgumas situações de âmbito amoroso, de alguns dos contos presentes em *Os Incompatíveis*.

José Leon Machado - entrevista

Com o *Projeto Vercial* José Leon Machado não interrompeu a sua carreira académica nem o seu labor de escritor. Prepara o doutoramento, como já se disse, mas também novas edições. É nessas condições, de professor e de escritor, que Leon Machado fala na entrevista que se segue.

Como é que um bracarense se fixa em Trás-os-Montes (Chaves) e de que maneira é que se envolve com as coisas e a literatura da região?

Vim dar aulas para Chaves e fui ficando e fazendo cá as coisas. Estando cá, vi-me como que obrigado a conhecer quem é que escreve alguma coisa em Trás-os-Montes. Relaciono-me um bocado com os escritores daqui, pelo menos com alguns. O António Cabral, o Pires Cabral, o Bento da Cruz. Qualquer pessoa ligada à literatura a nível nacional os conhece.

Acha que a escrita deles é regionalista?

A do Pires Cabral é. A do António Cabral é também regionalista mas tem também um pendor mais... Cosmopolita. Embora tenha laivos de regionalismo. Mas isso não é negativo.

Não é um *handicap* em termos de projeção?

Isso pode prejudicar em alguma medida o escritor. O Torga foi prejudicado por isso. Hoje ninguém lê o Torga.

Mas o que acontece é que nós vivemos até ao 25 de Abril num mundo rural. Portugal era uma aldeia. E de que é que os escritores falavam? Falavam da aldeia. Noventa por cento dos escritores falavam sobre a aldeia. Poucos falavam da cidade. Eça é um caso raro. Camilo falava da aldeia. Mesmo Eça ao descrever Lisboa descrevia-a como uma aldeia. Ele achava que era uma aldeia, onde todos uns patuscos... Só a partir do 25 de Abril é que começou a haver uma literatura citadina, digamos assim. Portanto, os autores de antes do 25 de Abril estão marcados por isso.

Depois de *O Guerreiro Decapitado* tem no prelo um livro precisamente sobre a aldeia, não é?

O meu próximo livro (*Fluviais*) são contos da aldeia. Agora, eu sou um indivíduo da cidade. Quando Torga escreve os seus contos, ele viveu-os, está a escrever sobre o que viveu. Quando eu escrevo, embora conheça as aldeias, sou um indivíduo que está fora. É por isso que os meus contos são uma caricatura.

Não teme que o livro seja procurado mais pelos retratos da aldeia do que pela habilidade do escritor, pelas suas qualidades?

Não sei, nunca pensei muito nisso. O meu livro é uma caricatura. São situações caricatas. Trágicas também. Há sempre um facto verdadeiro que despoleta a história, mas algumas são ficção. Quis abordar o fim da ruralidade e o fim dessas personagens das aldeias. Que eram personagens ricas até, a nível humano, mas que acabaram com as cidades. As cidades criaram outras personagens, talvez humanamente inferiores, menos ricas, mas que são diferentes.

Já não andam com estrume, já não se misturam com os animais... As pessoas que estão na aldeia não vão gostar do livro. Mas eu também não escrevi para essa gente. Escrevi para os que estão na cidade, para eles perceberem também um pouco como era a aldeia. Mas caricaturei a aldeia.

Recentemente ganhou um prémio literário no Funchal com um conjunto de contos chamado *Os Incompatíveis*. O que o distingue dos *Fluviais*?

São histórias de homens e mulheres que vivem na cidade. Tudo ficcionado. Os incompatíveis são eles e elas.

Com qual das obras se identifica mais?

Com todas.

Se tivesse que escolher, qual publicaria?

— Talvez escolhesse os *Fluviais*. Este primeiro romance [O *Guerreiro Decapitado*, romance histórico cuja ação se desenrola sob o domínio do romanos, no século I] tem um pouco a ver com os *Fluviais*. É a história de um miúdo que abandona a aldeia para ir para a cidade. É a fuga das aldeias para a cidade. Podia passar-se perfeitamente há dez, quinze anos atrás.

No fim desse livro a personagem regressa à aldeia e reconstrói-a. Isso é o projetar dos desejos do autor?

Sim, um pouco. Nos *Fluviais* há também um pouco essas questões. O fim da aldeia. O fim das personagens rurais.

Tendo nascido na cidade, identifica-se mais com o campo?

Não, eu identifico-me com a cidade. Gosto muito da aldeia, mas não me ponham estrume à frente, ou o seu cheiro... Eu tenho um sentido idílico da aldeia. Lá está: o homem da cidade tem sempre um sentido idílico da aldeia. É um sítio bonito com árvores, com sol, animais a pastar, erva, flores. Mas depois, quando realmente vai lá, vê que não é bem assim, que há também bosta no meio da estrada, que pode sujar os pés...

Essa imagem idílica da aldeia foi criada. Salazar...

Nos *Fluviais* Salazar aparece quase como uma figura tutelar. Agora que as aldeias estão quase extintas, convém lembrar quem é que criou esse mito, que muito afetou o país a nível social, económico...

No *Diário do Minho* e no *Correio do Minho* criou suplementos e fez crónicas e crítica literária. No *Letras & Letras* online existem mais resenhas e notas de apresentação do que propriamente crítica literária. Porquê?

Com a idade começamos a ver que não podia ser assim. Não podemos atirar pedras assim a torto e a direito. Começámos a apanhar nas orelhas. Não é impunemente que uma pessoa diz mal de alguém.

Nós em Portugal somos de ódios. Quem me alertou para isso foi o Joaquim Matos [ex-diretor do *Letras & Letras* em papel]: «Tu agora vais recriar o *Letras & Letras*, mas atenção, cuidado, porque isto é uma fonte de ódios e de invejas. Vais criar inimigos, tem cuidado com o que escreves e cuidado com o que os colaboradores dizem».

Mas a crítica é positiva e necessária, e aqui na região até falta.

Claro, a crítica é muito importante. A nível regional se não for eu a escrever... Quando escrevo não faço juízos de valor muito exaltados nem muito críticos. A crítica séria tem de ser assim.

Quais são as suas referências literárias?

São tantas... Eça, Camilo, Vergílio Ferreira e Saramago. Zola, Flaubert, Shakespeare... A *Bíblia*, Homero e Virgílio...

De que lado se situa na polémica sobre *Os Lusíadas*?

Eu sou muito realista. Acabava com *Os Lusíadas* e com o Pessoa e outras obras no secundário. No secundário não há maturidade para a cultura erudita. É como dar pérolas a porcos. Na universidade é que devem aparecer.

E aquele que não forem para a universidade? Há uma grande parte da população que não vai contactar com obras como essa ou outras que se consideram de qualidade, importantes.

Por que é que o pacato povo português tem de saber quem é o Camões e o que são *Os Lusíadas*? Já dizia o Fernando Pessoa: «a cultura não é para todos», a cultura erudita. Não podemos obrigar toda a gente a gostar de música clássica.

E o que é que se lhes vai dar então?

É que as obras de qualidade são difíceis. Os miúdos vêem-se à nora para ler aquilo. Aquilo não os entusiasma. Muitas vezes estraga-se o incentivo à leitura. Os miúdos devem começar a ler coisas simples. O gozo pela leitura vai crescendo. A partir de determinada

altura vamos tendo necessidade de ler coisas mais importantes. Damos aos miúdos de 14, 15 anos uma obra como *Os Lusíadas* é desmotivá-los.

Camões e essas obras complicadas são cultura erudita, não são cultura popular. É por isso que a literatura popular tem muito êxito, a música pimba tem êxito, o escritor pimba tem êxito, as novelas pimba têm êxito... O povo gosta de coisas simples, que entenda. Depois, se ele entender essas coisas simples, pode partir para coisas mais complicadas. Isto é a minha visão das coisas. E na escola devia ser assim.

Mas há uma parte (pequena, é certo) do público estudantil que já tem, naturalmente, o gosto pela leitura aos quinze anos.

Esses são exceções.

Mas assim ainda vão ser mais exceções... Se não forem confrontados com essas obras e não tiverem pais com boas referências, acabamos por perder essa pequena percentagem de exceções. E por outro lado, não se cairá numa estupidificação do ensino secundário, que fará com que os alunos cheguem à universidade sem conhecimentos mínimos?

Mas é que neste momento isso está a acontecer. Mesmo com os programas que há. Eles chegam à universidade e não veem nada. À exceção de um caso ou outro.

Então é uma desistência?

Eu acho que a questão é muito complicada. As escolas públicas são más. Os bons alunos nos EUA, na Inglaterra, na França, na Espanha não vão para as escolas normais. Aqueles alunos que sobressaem da média vão, desde cedo, para escolas especiais e são acompanhados numa forma diferente. A "cambada", digamos assim, vai para a escola normal. Esses são a força de trabalho. A "elite" (e a "elite" não significa os filhos dos ricos; a seleção, por exemplo nos EUA, é pelo mérito próprio) vai para escolas especiais. Aqui em Portugal misturam tudo. Neste momento até os deficientes andam nas escolas normais. É uma tentativa de integrar o deficiente. Mas isso é negativo porque o deficiente não consegue aprender da mesma forma que aprende o outro.

Em Portugal é muito difícil um bom aluno alcançar aquilo que deseja. Porque tem de estar à espera dos outros, perde muito tempo. E se estivesse numa escola especial...

É por isso que o nosso país não tem a mesma massa cinzenta que outros têm em termos científicos, por exemplo?

Em Portugal começamos tudo muito tarde, muito lento... Porque a sociedade é lenta. Quando vou ao estrangeiro e depois volto, chego aqui e vejo tudo muito lento, muito pacato.

Voltemos a Os Lusíadas. Ajudará substituir Os Lusíadas pelo Memorial do Convento? O Memorial do Convento não é também uma obra difícil? E se, para acabar com as obras difíceis, as substituem por obras más?

Pois... Mas uma coisa é literatura da escola e outra coisa é a literatura que a gente lê. O miúdo tem que descobri-la, não é o professor. Tem de haver já uma certa sensibilidade na pessoa. Agora esta conversa dava pano para mangas...

Como é que é o ambiente universitário na área da literatura na UTAD? Aquilo parece um bocado morto, pelo menos cá para fora não transparece grande coisa.

(Eu pertenço à secção de linguística e não à secção de literatura, embora tenha relações com a de literatura.) Parece-me que os docentes da área de literatura têm escrito e feito um trabalho positivo na divulgação dos escritores transmontanos.

E onde é que o fazem?

Escrevem em várias revistas. Por exemplo, vão a um congresso e apresentam uma comunicação sobre qualquer coisa, e isso é depois publicado nas atas do congresso, um calhamaço enorme.

E a interação com a comunidade para lá do mundo académico?

Na Secção de Linguística do Departamento de Letras da UTAD temos também pessoas que estão ligadas à questão dos falares transmontanos, por exemplo. Há pessoas ligadas ao Mirandês (ainda outro dia fizeram um curso de verão sobre o Mirandês em Miranda do Douro), tem-se feito divulgação sobre os falares de Montalegre, eu próprio estou a trabalhar num livro que foi impresso aqui em Chaves... Portanto acho que se está a fazer um bom trabalho dentro da própria região onde a universidade se encontra.

E a escrita em jornais? Não é importante que a comunidade académica se revele? Não tanto no sentido da divulgação (a preocupação não é a divulgação de autores transmontanos), mas mais no sentido de se saber o que pensam de determinado assunto.

O problema é este: as pessoas não fazem isso porque isso não dá currículo. Eu escrevo no *Semanário Transmontano*, mas para apresentar o meu currículo na universidade para subir na carreira isso não serve para nada.

Há então uma preocupação exclusiva com a carreira?

Vale mais o artigo que eu publiquei neste calhamaço [das atas de um congresso na África do Sul] do que a minha colaboração do ano inteiro no *Transmontano* (podem ser vinte ou trinta artigos). As pessoas têm que pensar bem no seu futuro. Se elas sabem que não têm nenhuma contrapartida em publicar nos jornais, sejam eles quais forem, não vão perder tempo a escrever artigos. Há um ou outro que o faz por carolice.

A publicação de artigos em jornais não académicos entra assim tanto em conflito com a publicação de artigos académicos?

É que uma pessoa não tem tempo para tudo.

Então estão quase exclusivamente ao seu serviço, e não ao serviço da comunidade onde está inserida a universidade.

Exatamente. Os professores universitários têm que tratar obrigatoriamente da sua carreira, ou não sobem. Põem-nos na rua. Se eles não fazem nada pelo currículo põem-nos na rua. Isto é assim, se um indivíduo se deita à sombra da bananeira na universidade vai para a rua.

Mas noutros países a comunidade académica interage com a comunidade...

Mas em Portugal é assim.

Porquê?

A culpa não é dos professores. É do sistema. O sistema diz: "as regras são estas"... Se se quiser subir, tem que se apresentar o currículo, e o currículo tem determinadas normas. "Dois artigos por ano em revistas da especialidade e na área em que vai concorrer".

Não haverá um academismo demasiado fechado, com poucos reflexos?

É um pouco verdade. Agora, o problema é: porquê abrir-se à comunidade, o que é que a comunidade quer da Universidade?

A comunidade provavelmente não sabe o que quer. É suposto os académicos iluminarem a comunidade. No passado era assim, as "elites" serviam de luzes...

Nós todos os anos fazemos um congresso de literatura infantil. E é dos poucos eventos que fazemos na UTAD que anima a comunidade da região transmontana. Este ano foi um congresso internacional, levaram-se lá centenas de escolas, professores... Foi uma coisa que eu nunca tinha visto na UTAD. Até o próprio reitor e vice-reitor ficaram espantados com a quantidade de gente que lá foi ver o congresso, ver os escritores, falar, ver as instalações... Foi uma coisa muito interessante. Agora isso não devia ser só feito na área de letras.

Comentário

O Guerreiro Decapitado, de José Leon Machado, é a história de um rapaz que abandona a aldeia para ir trabalhar numa quinta perto da cidade. Só que a aldeia é um castro, a quinta uma vila romana e a cidade é Bracara Augusta no século I d. C., em tempo de ocupação romana da península Ibérica.

No vale constrói-se uma urbe cheia de novidades, de melhores condições de vida, e o castro, nas montanhas, arrasta um modo de vida pobre, difícil. O rapaz desce ao vale, como os rapazes das aldeias do século XX desceram às cidades e rumaram ao estrangeiro.

Leon Machado envolveu em brumas históricas uma estória que poderia ser recente. Talvez por isso, nos primeiros capítulos do romance só com algum custo nos sintamos transportados para a época onde o autor fez desenrolar os acontecimentos. Uma cinegética e uma fauna demasiado atuais também não ajudam. Mas a estória avança, a caracterização da época enriquece, a romanização dos pormenores reforça-se, e acabamos por aceitar ser aquele o século primeiro.

Bórnio, o herói do livro, aprende latim e envolve-se com a filha do senhor da Vila Rufina. A coisa, como não podia deixar de ser, provoca celeuma, e não tarda o rapaz vê-se a servir nas legiões romanas, em terras longínquas. Só que aquilo que parecia um desterro é, apesar da distância a Lívia, aquela que o ama, uma sorte para Bórnio. Por virtudes próprias e necessidades da tropa romana, o indígena é espantosa e sucessivamente promovido: depois de passar por decurião, *optio* e centurião, quando regressa vem graduado em tribuno. Estar-lhe-iam abertas as portas da

felicidade, pensa o leitor. Mas Livia casou (ainda que contrafeita), os romanos não veem com bons olhos os privilégios tribunícios do autóctone e conspiram para o prejudicar, a Bórnio assaltam-no remorsos por ter abandonado o castro...

O *Guerreiro Decapitado* tem a intenção simbólica do confronto cultural entre a cidade e a aldeia (o passado e o futuro?), aquele que opõe uma cultura emergente e esplendorosa (logo atraente) a uma cultura anciã e indefesa (portanto condenada). Neste conflito é notório o partido do autor: Bórnio, frustrado, regressa à aldeia (ao castro), une-se a uma conterrânea, e predispõe-se, com o seu quê de quixotesco, a dar novo fôlego ao povoado que o viu nascer.

Distante, para o bem e para o mal, de *Quo Vadis*, *Fabíola* e obras afins, o romance está bem arquitetado. As estórias que o preenchem são cativantes, bem-humoradas, com um sabor bucólico sem exageros estilísticos ou evocativos (a linguagem é chã, como disse António Cabral). Mas alguma precipitação nos acontecimentos que antecede o final deixa, no entanto, a ideia que houve pressa em acabar a obra ou inabilidade na prossecução narrativa.

O *Guerreiro Decapitado* não é um texto tão desprendido como *Quatrocentos Mil Sestércios*, de Mário de Carvalho, mas não defrauda.

Uma leitura do conto “O Regresso”



Este conto extraído do livro “Contos do Minho” decorre em Vieira do Minho e retrata a vida de um homem que para proporcionar uma vida condigna à sua família, emigrou para França.

Remonta à década de sessenta, quando todos os jovens portugueses eram chamados para a guerra colonial em Angola. Para fugir a este destino fatídico e por imposição da namorada, que se recusava a viver na miséria em que tinham vivido os seus antepassados, Modesto partiu para Paris, onde trabalhou arduamente na

construção civil, enviando para a namorada todas as economias que conseguia amealhar. Esmeralda, a namorada, foi gerindo o dinheiro e comprou uma casa para habitarem. Só três anos após a partida conseguiu regressar para casar. Voltou de seguida, deixando um filho no ventre da esposa.

Assim foi decorrendo a vida de Modesto, de vez em quando vinha de visita a Portugal, cuidava da vinha e regressava, nascendo, entretanto, mais um filho.

Quando Miguel (o filho) cresceu, decidiu que queria ir com o pai e, depois de muita insistência, acabou por ir. Depressa percebeu o quanto era difícil a vida de um emigrante e regressou para estudar.



Atingindo a idade da reforma Modesto regressou, sendo a família quem o foi buscar. Esmeralda ficou chocada com as condições em que o marido viveu durante trinta anos.

Regressado ao seu país, Modesto só queria descansar e viver o resto dos seus dias, gozando a boa reforma que tinha conseguido com tanto esforço. Esmeralda, porém, não aceitava esta nova vida do marido e queixosa gritou que não queria ser escrava dele e que o considerava um estroina.

Modesto, magoado, quis dizer à esposa o quanto tinha sofrido para ganhar o dinheiro que alimentou e garantiu o bem-estar dela e dos filhos, no entanto, limitou-se a dizer que tinha cumprido a sua parte do contrato, emigrando como ela exigiu, por amor sim, mas cumpriu, agora seria a vez de ela cumprir a sua parte.

Saindo para o quintal foi apreciar as árvores e os pássaros, gozando um sossego merecido.

Cultura

Emigração portuguesa no mundo

Portugal tem sido desde o século XV um país de emigrantes, facto que acabou por condicionar toda a sua história. Nos séculos XV e XVI a emigração dirigiu-se sobretudo para as costas do norte de África (Marrocos), ilhas atlânticas (Açores, Madeira, São Tomé, Cabo Verde, Canárias) e depois da descoberta do caminho marítimo para a Índia (1498) espalha-se pelo Oriente, mantendo-se muito ativa até finais do século XVIII.

Em meados do século XVI aumenta a emigração para o Brasil, o qual acaba por se tornar no século XVII no principal destino dos portugueses, o que se manterá sem grandes oscilações até finais dos anos 50 do século XX.

Em finais do século XIX, os portugueses começam a procurar ativamente novos destinos alternativos ao Brasil, quer na Europa, quer no outro lado do Atlântico. Ao longo do século XX, fora da Europa, espalham-se pelos EUA, Argentina, Venezuela, Canadá, Austrália, etc. O fluxo emigratório para África aumenta, em especial para Angola, Moçambique e outras regiões da África Austral como a África do Sul, Zimbábwe ou o Congo.

A grande debandada do país, ocorre todavia a partir de finais dos anos 50, e dirige-se agora para a Europa: França, Alemanha, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Suíça, etc. O impacto deste surto emigratório será tão forte que abala toda a sociedade portuguesa. Em menos de dez anos, emigram para a França, por exemplo, mais de um milhão de portugueses.



A emigração portuguesa, apesar de todos os entraves continuou até aos nossos dias, embora numa dimensão mais modesta, assumindo agora um carácter temporário, e cada vez mais ligada a investimentos económicos, realização de estudos, atividades profissionais, tradição, etc.

Guerra Colonial Portuguesa

A Guerra Colonial Portuguesa foi designada por Guerra do Ultramar, designação atribuída oficialmente em Portugal até ao 25 Abril, ou ainda chamada a Guerra de Libertação, que foi uma designação bastante utilizada pelos independentistas Africanos.

Esta foi uma guerra que teve a duração de cerca de 13 anos. No desenrolar do teatro sanguíneo sobre esta guerra, muita gente perdeu a vida e milhares acabaram por ficar feridos.

É importante destacar que ainda hoje esta guerra deixa marcas por todo o mundo, mas essencialmente nos países africanos, que ainda se perdem vidas devido aos pequenos vestígios deixados para trás.

A Guerra Colonial

A Guerra Colonial teve início em África e desenrolou-se nas colónias de Moçambique, Guiné e Angola entre 1961 e 1974. Estiveram em confronto as Forças Armadas Portuguesas e as forças organizadas pelos movimentos de libertação de cada uma das colónias onde decorriam os confrontos.

Os primeiros confrontos ocorreram em Angola, na zona a que se viria a chamar Zona Sublevada do Norte, traduziram-se, a partir de 15 de Março de 1961, em bárbaros massacres de populações brancas e trabalhadores negros oriundos de outras regiões de Angola.

Nos três cenários das operações em Angola, Moçambique e Guiné o número de efetivos das forças portuguesas foi aumentando constantemente em relação ao aumento das frentes de combate, atingindo-se, no início da década de 70, o limite crítico da capacidade de mobilização de recursos. Pela parte portuguesa, a guerra era sustentada pelo princípio político da defesa do que era considerado o território nacional, baseado no conceito de nação pluricontinental e multirracial. Pela parte dos Movimentos de Libertação, a guerra justificava-se pelo inalienável princípio de autodeterminação e independência, num quadro internacional de apoio ao incentivo à sua luta.

O Estado Novo, primeiro com Salazar e depois com Marcelo Caetano, manteve com grande rigidez o essencial da política colonial, fechando todas as portas a uma solução credível para o problema de qualquer um dos territórios. O 25 de Abril de 1974

trouxe alterações à natureza do regime político português, os novos dirigentes de Portugal, aceitavam naturalmente os princípios da autodeterminação e independência, pelo que as fases de transição foram negociadas com os movimentos de libertação, traduzindo-se rapidamente no fim das ações militares envolvendo forças portuguesas.

Após a Segunda Guerra Mundial

Após a Segunda Guerra Mundial, adensam-se, mais uma vez, as nuvens de ameaça sobre o Império Colonial Português. Embora com lentidão, o regime trata de reestruturar o aparelho militar. Macau está sob constante ameaça da Revolução Chinesa, e na Índia é tudo uma questão de tempo. Quando a guerra começa em Angola (4-2-1961), há militares que se levantam. Convencidos da impossibilidade de uma solução militar, chegam mesmo a fazer uma tentativa de golpe de Estado (General Júlio Botelho Moniz, 13 de Abril), mas o regime endurece as suas posições, mantém-se surdo e mudo. Apesar disso, as Forças Armadas, dispondo de efetivos reduzidos e meios obsoletos, não tinham capacidade de resposta. Inicialmente, o regime tenta minimizar os acontecimentos e fala de "ações de polícia" para manter a ordem. Mas enquanto a guerra de Angola ganhava terreno, desenvolvida a norte pelo U.P.A. (depois F.N.L.A.), de Holden Roberto, e a leste pelo M.P.L.A. de Agostinho Neto (a U.N.I.T.A., de Savimbi, só aparece em 1966) o P.A.I.G.C. inicia a luta armada na Guiné, em meados de 1962, e a F.R.E.L.I.M.O., em Moçambique, no segundo semestre de 1964. No final de 1960, o dispositivo militar em Angola limitava-se a três regimentos (Luanda, Nova Lisboa/Huambo e Sá da Bandeira/Lubango), dois batalhões de Caçadores (Cabinda e Carmona/Uíge), um grupo de reconhecimento e um batalhão de Engenharia, num total de 6 500 militares, dos quais 1 500 eram metropolitanos. Um ano depois 33 mil, valor que foi subindo sempre até 1965, ano em que se cifra em 57 mil. No ano seguinte, baixou e, com algumas, oscilações (55 mil, em 1970, foi o mínimo), ultrapassou os 60 mil, em 1971, atingindo o valor mais alto (65 mil) em 1973. O efetivo, em Moçambique, começou a ser reforçado logo em 1961 (11 mil homens), aumentando até 1973, ano em que se cifra em 51 mil. Na Guiné, de cerca de 5 mil homens, passando para 9 mil, em 1963, número que cresce sempre, até atingir 32 mil, dez anos depois. Feitas as contas, os efetivos militares nas três frentes de guerra, em 31

de Dezembro de 1973, totalizavam cerca de 149 mil homens. A campanha Africana começou em 1961 – quase 13 anos que mudaram Portugal.

Número de Mortos

Durante os 13 anos de Guerra, e segundo elementos incluídos na Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África (1961-1974), registou-se um total de 8 290 mortos nas três frentes de combate. O subtotal mais elevado refere-se a Angola (3 258), embora a exiguidade do território leve a ter de se referir a Guiné, com 2 070. A grande maioria dos que morreram caiu em combate, e aqui o número mais elevado registou-se em Moçambique (1 481); seguem-se Angola (1 306) e Guiné (1 240).

Número de Feridos

O número é difícil de calcular. A Associação de Deficientes das Forças Armadas presta serviços a 13 mil sócios, todos, portanto, portadores de " deficiência permanente e adquirida durante o serviço militar". Mais cerca de 3 mil processos aguardam solução. Estimativas apontam para um total de 30 mil deficientes. Não custa aceitar que o número de feridos, com maior ou menor gravidade, é bastante mais elevado, até porque, em muitos casos, os ferimentos não deixaram marcas. Muitíssimo mais alto é o número de afetados, sobretudo a nível psíquico. Médicos têm estudado o fenómeno, calculam em cerca de 140 mil os antigos militares com "stress de guerra", uma doença mais grave do que se supõe.

Mas há outra ferida que as próprias autoridades procuram esconder o mais possível: os desaparecidos em combate.

Armas utilizadas pelos Portugueses

O armamento e equipamento do Exército português no início da década de 60 decorriam de três períodos distintos:

- Material adquirido no final da década de 30, perante a situação criada pela Guerra Civil espanhola e pelo início da Segunda Guerra Mundial e essencialmente de origem alemã (espingardas *Mauser*, metralhadoras ligeiras *Dreyse* e *Borsig*, obuses de 10,5 cm) e italiana (metralhadoras *Breda*, obuses de 7,5 cm). Os calibres eram os dos países de Eixo, nomeadamente, o 7,92 mm (ou 7,9) das armas ligeiras;

- Material recebido durante a II Guerra Mundial, sobretudo de contrapartidas da utilização dos Açores. Era principalmente pesado

(obuses de 8,8 cm e 14 cm, peças de 11,4 cm, peças AA de 4 e 9,4 cm). Os calibres eram essencialmente ingleses;

- Material recebido após a entrada na NATO e destinado essencialmente à 3ª Divisão (canhões sem recuo de 57 mm, 75 mm e 106 mm, metralhadoras de 12,7 mm, morteiros de 60 mm, 81 mm e 107 mm, viaturas blindadas e carros de combate).

Emprego Morteiro

O emprego eficaz dos morteiros (assim como o da artilharia) pressupõe bom suporte cartográfico e a observação do tiro. Durante todo o tempo da guerra, nenhum destes desideratos foi plenamente atingido, pelo que o apoio próximo das tropas não foi eficientemente conseguido. Assim, os morteiros de maiores calibres (81 mm e, mais tarde, 120 mm) foram essencialmente empregues em flagelações e reacções aos ataques a aquartelamentos. Pelo contrário, os morteiros de 60 mm seriam largamente utilizados, sobretudo no apoio imediato das tropas, colmatando assim a falta já assinalada de um lança-granadas eficaz. Os morteiros eram transportados pelos grupos de combate, sem tripé nem prato-base, baseando-se a pontaria na experiência do apontador.

A Artilharia Portuguesa

A artilharia existente em África era, de início, composta pelos materiais mais antiquados e de menor calibre, de difícil integração em forças da NATO, sendo já problemática a obtenção de munições. A solução foi o aproveitamento desses materiais até ao esgotamento dessas munições e depois a sua substituição. Assim, os primeiros obuses 10,5 cm m/941/62 seriam testados operacionalmente em Angola, em 1968. Na Guiné, a situação em 1966 era a utilização dos obuses 8,8 cm por pequenas unidades (nove pelotões a duas bocas de fogo cada), mas a partir de 1968 passaram a existir meios mais modernos e mais potentes:

Agostinho Neto- 19 Obuses de 10,5 cm, correspondendo a três baterias;

Seis obuses de 14 cm, correspondendo a uma bateria;

Seis peças de 11,4 cm, correspondendo a uma bateria.

Principais Figuras do Ultramar

As principais figuras da Guerra do Ultramar foram:

Salazar

Marcelo Caetano

António Spínola

Amílcar Cabral

Costa Gomes

Uma leitura do conto «O Regresso»

Organize as sequências narrativas correspondentes ao desenvolvimento da ação do conto:

	Assim foi decorrendo a vida de Modesto, de vez em quando vinha de visita a Portugal, cuidava da vinha e regressava, nascendo, entretanto, mais um filho.
	Quando Miguel (o filho) cresceu decidiu que queria ir com o pai, e depois de muita insistência acabou por ir. Depressa percebeu o quanto era difícil a vida de um emigrante e regressou para estudar.
	Este conto extraído do livro "Contos do Minho" decorre em Vieira do Minho e retrata a vida de um homem que, para proporcionar uma vida condigna à sua família, emigrou para França.
	Atingindo a idade da reforma Modesto regressou, sendo a família quem o foi buscar. Esmeralda ficou chocada com as condições em que o marido viveu durante trinta anos.
	Regressado ao seu país, Modesto só queria descansar e viver o resto dos seus dias, gozando a boa reforma que tinha conseguido com tanto esforço. Esmeralda, porém, não aceitava esta nova vida do marido e queixosa, gritou que não queria ser escrava dele e que o considerava um estroina.
	Remonta à década de sessenta, quando todos os jovens portugueses eram chamados para a guerra colonial em Angola. Para fugir a este destino fatídico e por imposição da namorada que se recusava a viver na miséria em que tinham vivido os seus antepassados, Modesto partiu para Paris, onde trabalhou arduamente na construção civil, enviando para a namorada todas as economias que conseguia amealhar. Esmeralda, a namorada, foi gerindo o dinheiro e comprou uma casa para habitarem. Só três anos após a partida, conseguiu regressar para casar. Voltou de seguida, deixando um filho no ventre da esposa.
	Saindo para o quintal foi apreciar as árvores e os pássaros, gozando um sossego merecido.
	Modesto, magoado, quis dizer à esposa o quanto tinha sofrido para ganhar o dinheiro que alimentou e garantiu o bem-estar dela e dos filhos, no entanto, limitou-se a dizer que tinha cumprido a sua parte do contrato, emigrando como ela exigiu, por amor sim, mas cumpriu, agora seria a vez de ela cumprir a sua parte.

As personagens

Complete a coluna da direita, caracterizando física e psicologicamente as personagens do conto a partir dos segmentos textuais.

Personagens	Segmento Textual	Característica Física/Psicológica	
Modesto	«Tinha um português escalavrado»		
	«Não queria chatear-se. Era calmo»		
	«Cumprí a minha parte do trato»		
Esmeralda	«Enxuta»		
	«Garra para o trabalho»		
Miguel	«Sonhar alto»		
	«Rapaz alto e moreno»		
	«Bom par de músculos»		
Patrão	«Gordo»		
	«Olho azul»		
Éveline	«Senhora simpática»		

Exploração do vocabulário do conto «O Regresso»

Estabeleça a correspondência entre os vocábulos da coluna da esquerda e os seus possíveis significados na coluna da direita:

1	Catre	Deteriorado	A
2	Refractário	Irónico e requintadamente mau	B
3	A salto	Leito tosco e pobre	C
4	Dia aprazado	Casa pobre e tosca	D
5	Maquia	Que resiste às leis ou à autoridade; desobediente	E
6	Rapariga enxuta	Dissipador; Boémio	F
7	Estroina	Dinheiro	G
8	Sobeja	Sem legalização	H
9	Pardieiro	Abunda	I
10	Sardonicamente	Boa aparência	J

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Curiosidades da língua

Chamamos **estrangeirismos** às palavras ou expressões de outras línguas que passaram a ser usadas correntemente na língua portuguesa.

Cada uma das frases abaixo transcritas integra um ou mais **estrangeirismos**. Identifique-os e transcreva-os nas colunas seguintes.

Enquanto comia a sopa e o *filet mignon*, deitava-lhes olhares sorridentes.

No quarto engoliam uma garrafa de *Bordeaux* barato.

O meu tio foi ao *stand* e comprou uma *roulotte* para atrelar ao seu *jeep*.

No *hall* do hotel estava uma senhora muito *chique*.

Um bom duche é um ótimo remédio contra o *stress*

A estante do meu quarto está cheia de *dossiês* e *cassetes*.

O Nuno pôs o *cachecol*, comeu uma sanduíche e saiu a correr.

Os *media* desempenham um papel decisivo nas sociedades contemporâneas.

A Rita apareceu ontem no ecrã como animadora de um novo *show* televisivo.

O *choufer* do administrador foi multado por não ter obedecido ao sinal de *stop*.

Aquele indivíduo tem um ar demasiado *snob* para o meu gosto.

O *menu* do almoço está no placar da entrada.

Naquela fábrica, existia ainda um considerável stock dessas peças.

A professora está a afixar um póster relativo à feira do livro.

Há muitos jovens que se alimentam à base de pizzas e *hambúrgueres*.

O João revelou-se um ótimo líder do seu grupo. Ele joga muito bem *badmington*.

No aeroporto fiz o *check-in*.

Hoje comi um excelente *spaghetti*.

Estrangeirismos

Na sopa de letras que a seguir se apresenta, identifique os espaços apresentados ao longo do conto «O Regresso».

F	E	S	J	G	P	G	T	C	U	S	V	A	A	B	J	V
R	U	J	X	F	A	A	O	A	A	K	A	S	B	I	R	I
C	A	T	E	D	R	A	L	N	O	T	R	E	D	A	M	E
L	E	O	S	D	I	O	L	T	D	F	C	M	D	J	T	I
O	F	R	R	R	S	L	S	E	G	T	O	A	G	T	D	R
U	H	R	D	O	E	G	D	L	H	J	D	D	M	S	H	A
R	S	E	E	T	S	T	F	A	O	S	E	N	A	P	O	D
E	Y	E	J	N	T	S	R	E	E	U	T	E	I	E	O	O
I	W	I	Y	I	H	D	A	S	S	O	R	Q	O	A	A	M
R	O	F	R	A	N	Ç	A	S	Ç	A	I	E	P	S	D	I
O	Z	F	C	T	D	P	R	T	W	D	U	P	R	F	P	N
L	M	E	H	D	L	E	G	D	O	J	N	T	E	M	G	H
D	E	L	C	A	B	R	E	I	R	A	F	M	A	F	A	O
T	H	E	T	Y	K	Ç	A	R	B	V	O	N	Z	D	J	L
J	Q	A	L	J	E	F	S	P	A	E	K	E	I	V	M	A
O	C	R	Y	O	P	E	C	S	C	A	N	I	Ç	A	D	A
L	R	O	A	R	D	E	V	A	R	I	E	O	J	H	T	C

Catedral Notre Dame	Torre Eiffel	Arco de Triunfo
França	Vieira do Minho	Cantelões
Loureiro	Cabreira	Campos
Rossas	Cançada	Paris

O Velho e a Fotografia

Apresentação do autor

José Miguel Braga nasceu em Braga, em 1957.

Depois dos estudos partiu para França, onde permaneceu durante alguns anos.

Desde pequeno interessou-se pela música e pela literatura, começou no teatro aos 20 anos.

É professor de Português e de Técnicas de Expressão, foi leitor na Universidade de *Blaise Pascal* e *Paris X-Nanterre*.

Publica de forma irregular em jornais e revistas.

Pouco se importa com a literatura, a não ser quando lê e escreve, o que faz todos os dias.

Entre as suas obras constam:

Imagens do Rio (poesia, 1987)

O Murmúrio das Coisas (poesia, 1991)

Linha Mágica (1994)

Arquipélago das Sombras (2004)

Loção de Desenho no Orfanato (2007)

Uma leitura do conto «O Velho e a Fotografia»

O conto é um relato de um velho de oitenta anos, que vive perto do rio Cávado em Braga. Ele relata como encontrou uma fotografia de uma mulher, por entre umas garrafas de vidro na adega, acrescenta que o nome desta mulher é para ficar esquecido entre o emaranhado do milho e da literatura, dando a noção que ocorreu um crime.

Mais tarde, relata a sua rotina: dirige-se à Biblioteca, descendo pela Rua do Souto até ao Largo do Paço, passa no Astória, dizendo que sempre foi assim.

Entra no Salão Medieval e começa a respirar de outra maneira desde os tempos de teatro, que frequentou durante muitos anos, enquanto se desloca através dos salões e fica louco com os registos.

Regressa à fonte de Vaucluse, onde reflete sobre um soneto e fica magoado, retira a foto do bolso, sobe até ao Paço dos Arcebispos. Gosta da cidade de Braga em Maio, porque o faz pensar em romances fugitivos.

Sai da Biblioteca às cinco e meia e vai pensando no que quer dizer, às dez chega ao terraço, está um ar morto.

Tira a fotografia e coloca-a na moldura, tem uma data, mas não a consegue ler bem, pensa que deve ser 1913.

Mais tarde, faz uma revelação: absorve a sua expressão. O desgosto é o que sente e o que precisa para ficar só.

A noite regressa às ruas, está a fechar à Brasileira, senta-se ao lado do São Geraldo a ver passar figuras de ópera. Começa o som de um piano alemão e sente que faz parte da composição.

Sobe pela cidade em direção ao Ateneu, na Rua dos Chãos, ouve música. À porta um arlequim rasga os bilhetes, nas mesas andam padres e brasileiros. Por todo o lado há veludos de friso e uma boneca com uma coroa.

Vai contar-se a lenda onde se diz que a bela foi levada à morte pelo senhor, o ator aponta para alguém no público. Traz provas: uma corrente de ouro e uma espada.

Diz que não fica até ao fim e que está ansioso para ir ter com ela, se for vivo voltará a este assunto mais tarde.

Cultura

"A Brasileira"

É um dos mais simbólicos cafés da cidade de Braga, situado no Largo Barão de S. Martinho, em pleno centro histórico da cidade.

O café abriu em 17 de Março de 1907 fundado por Adolfo de Azevedo, um comerciante e vice-cônsul do Brasil em Braga.

Em 1937, o café foi comprado por Joaquim Queirós, que o conservou nas quatro décadas seguintes, integrando o adjacente café *Sport* (na parte mais baixa do café).

Em 1977, foi passado a Joaquim Domingos Godinho.

Em 2004, foi comprado por Armindo Pinheiro, natural de Ponte da Barca, que ganhou o gosto pelo negócio da restauração nos quase 30 anos em que permaneceu no Brasil, onde atualmente possui algumas "*lanchonetes*" no Rio de Janeiro.

O café foi alvo de importantes obras de restauro e modernização entre Setembro de 2008 e Março de 2009, mantendo sempre os traços originais.

Atualmente é gerido pelas filhas do investidor.

Na sopa de letras que a seguir se apresenta identifique palavras-chave do conto "O Velho e a Fotografia"

R	A	B	C	G	M	E	M	U	T	E	G	C	M	A	D	M	T	E	R	C	R	H	E
U	C	O	N	V	E	N	T	O	D	O	S	R	E	M	E	D	I	O	S	M	U	A	F
A	G	E	B	V	V	E	P	D	P	C	E	R	D	L	B	J	L	Z	U	A	H	J	M
D	L	O	B	R	A	V	O	X	Q	B	E	F	L	O	R	J	A	V	M	A	I	A	T
O	H	C	D	U	O	L	L	D	A	R	E	I	A	E	A	D	R	F	U	R	H	L	F
S	K	P	C	A	H	F	E	P	F	V	C	T	G	H	S	J	G	J	D	P	F	D	U
C	T	I	I	D	G	L	U	D	L	B	J	T	U	E	I	B	O	M	I	J	C	A	U
H	D	R	L	O	H	D	T	O	O	I	Q	I	U	M	L	P	D	I	F	Z	M	A	E
A	R	G	F	S	O	L	F	F	L	R	G	A	E	U	E	X	O	P	C	A	A	L	D
O	U	C	D	O	J	U	V	A	T	R	I	G	I	D	I	B	P	L	J	A	J	A	U
S	G	J	X	U	C	F	X	T	B	U	E	O	L	I	R	E	A	D	D	T	N	V	L
F	O	A	J	T	M	E	M	H	P	G	T	Z	C	W	A	B	Ç	J	U	M	B	D	R
G	R	J	G	O	R	A	E	V	R	U	U	I	V	A	U	J	O	N	D	U	T	M	Q
F	O	N	T	E	D	E	V	A	U	C	L	U	S	E	V	U	G	A	A	T	E	P	E
T	V	M	P	P	F	U	O	A	H	F	H	L	D	P	L	D	U	J	Y	O	S	D	B
V	A	B	L	E	T	C	F	L	L	F	C	M	A	T	A	D	O	C	D	E	A	O	H
P	U	B	T	F	A	A	M	A	A	A	E	B	A	D	C	B	E	A	L	C	M	D	C
Q	D	D	E	H	U	G	L	U	A	F	T	V	U	A	C	H	L	V	J	C	E	T	T
O	P	A	Ç	O	D	O	S	A	R	C	E	B	I	S	P	O	S	E	T	T	I	U	B
H	J	Q	O	E	L	Z	L	Q	E	D	E	C	D	T	U	U	I	M	C	C	R	D	A
D	J	A	R	D	I	M	D	E	S	A	N	T	A	B	A	R	B	A	R	A	O	A	V
V	U	P	T	O	A	S	T	O	R	I	A	N	G	N	X	C	O	X	H	J	V	C	H
L	B	E	L	R	G	O	E	T	E	G	O	C	D	C	N	D	A	B	R	T	T	D	T
B	D	I	G	R	E	J	A	S	A	N	T	A	C	R	U	Z	B	L	J	Q	Q	D	B

IGREJA SANTA CRUZ
PAÇO DOS ARCEBISTOS
VALE DO RIO CÁVADO
BRASILEIRA

ASTÓRIA
FONTE DE VAUCLUSE
RUA DOS CHÃOS
SAMEIRO

JARDIM DE SANTA BÁRBARA
CONVENTO DOS REMÉDIOS
RUA DO SOUTO
LARGO DO PAÇO

Descubra na coluna da direita as definições correspondentes a cada uma das palavras apresentadas na coluna esquerda.

1	Silhueta
2	Subterfúgio
3	Gerâneos
4	Mogno
5	Barroco
6	Ameia

A	Abertura no parapeito das muralhas
B	Plantas silvestres
C	Madeira
D	Sombra de algo
E	Estilo artístico
F	Alegação ou pretexto

1	2	3	4	5	6

Vou Até ao Fim do Mundo

Apresentação do autor



José Terra, de seu nome José Fernandes da Silva, nasceu em Prozelo, Arcos de Valdevez, em 24 de Maio de 1928. Após estudos teológicos, que abandonou, foi empregado de comércio e de escritório e formou-se ao mesmo tempo em Filologia Clássica na Faculdade de Letras de Lisboa. Foi a

partir de 1957 Leitor de Português em França (Universidade de Aix-en-Provence e Sorbonne, Paris). Assistente associado a partir de 1968 na Universidade de Paris VIII-Vincennes, onde criou o Departamento de Português, de que foi diretor, passou a professor Catedrático em 1-9-1984, após o doutoramento de Estado. Em 1-10-1988 foi nomeado como professor Catedrático na Universidade de Paris-Sorbonne, vindo a jubilar-se em Setembro de 1996 como Professor Emérito. Em ambas as Universidades exerceu cargos administrativos durante muitos anos. José Terra foi cofundador e codiretor das revistas literárias *Árvore* (1951-1953) e *Cassiopeia* (1955). Figura como Poeta em diversas antologias. Obteve em 1955 o Prémio Teixeira de Pascoaes de poesia, com *Canto Submerso*. Como ensaísta, tem publicado estudos em revistas científicas, sobretudo sobre o Renascimento. Obra Poética: *Canto da Ave Prisioneira* (1949), apreendido pela censura; *Para o Poema de Criação* (1953); *Canto Submerso* (1956); *Espelho Invisível* (1959). Traduziu para português Obras de Albert Camus, François Mauriac, André Maurois, Teilhard de Chardin, Georges Le Gentil, David Garnet, Giovanni Papini, Vasco Pratolini, Elio Vittorini, etc, e para francês *Une façon de Dire Adieu* de Ruy Belo.

Uma leitura do conto «Vou Até ao Fim do Mundo»

Este conto fala-nos de um homem, que passados muitos anos regressa à sua terra. Nesta viagem, ele fica admirado com as diferenças que encontra, quer nas pessoas, quer na própria terra, o que não mudou foi o sol a brilhar nos campos.

À medida que vai andando pela terra, vai recordando uma história vivida com o seu pai, quando este resolveu pegar nele, depois da morte da mãe, e ir à procura de trabalho para outra terra – Aldeia Brava, pois seu pai era um bom pedreiro, um «artista».

Durante a viagem foram conversando sobre muitas coisas, o pai perguntava-lhe o que é que ele gostava de ser, e ele respondia-lhe que gostaria de ir para a cidade, aprender coisas.

Durante a viagem, ele ia reparando na paisagem e ambos teciam comentários sobre as coisas que viam.

Quando chegaram à Aldeia Brava, não encontraram trabalho e seguiram de imediato para Sangemil, onde o pai exerceu a sua atividade de «artista» num brasileiro da terra.

Continuaram a viagem, nas palavras do pai «...para o fim do mundo». A viagem prosseguia ora falando, ora em silêncio. A dada altura, já estavam de cara engelhada, envelhecidos e já não sabiam para onde ir. Mas continuaram em viagem e chegaram a uma cidade de nome Vilar das Neves, cidade muito fria, onde o pai já havia tocado numa festa.

Sem um único centavo, o pai lembrou-se de penhorar a medalha que ele tinha: única lembrança da sua mãe, mas o filho disse que não a tinha trazido.

Numa viela, apareceu um velho amigo do pai que lhe falou de um sítio onde era fácil arranjar trabalho - a hidroelétrica, para onde seguem.

A caminho da hidroelétrica encontraram um rio, avistaram um barqueiro a quem pediram que os passasse para outro lado e assim foram cheios de alegria.

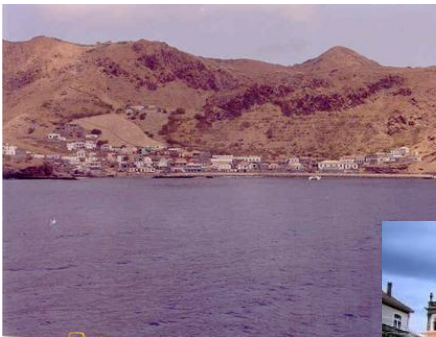
Percebendo a fome dos passageiros, o barqueiro ofereceu-lhes de comer e de beber e indicou-lhes o atalho a seguir para a hidroelétrica, onde encontrariam trabalho, música e onde o pai haveria de tocar.

Vou Até ao Fim do Mundo

Por fim, retomam viagem: o filho cantarolando, comanda a marcha; o pai assobiando, acompanha-o:

Vou com o vento e o luar

Vou até ao fim do mundo



Exploração do vocabulário:

Estabeleça a correspondência entre os vocábulos da coluna da esquerda e os seus possíveis significados com a coluna da direita.

1	Pastio	A	Camada de pavimento coberta de pedra britada
2	Macadame	B	Amarrotado; Figurado: humilhado
3	Enxovalhado	C	Lugar onde há pastagens; pasto; pascigo
4	Flanco	D	Mão-cheia
5	Solfejo	E	Recipiente de vidro em forma de sino
6	Gamela	F	Exercício musical para se aprender a solfejar
7	Campânula	G	Recipiente de madeira, em forma de tigela ou retangular, em que se dá de comer aos porcos e a outros animais
8	Carranca	H	Pasta utilizada na construção civil e formada por cal ou cimento, a que se junta areia e água
9	Argamassa	I	Semblante carregado ou sombrio que revela mau humor, má disposição, raiva
10	Macheia	J	Região lateral do tronco, entre a anca e as costelas; ilharga

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Descubra o significado adequado das expressões sublinhadas:

<u>"Vais de beijas", rapaz</u>	Zangado Contente Distraído
Foi aí que vimos homens a afrontarem a noite em <u>"mangas de camisa"</u>	Mangas arregaçadas Mangas compridas Mangas rotas
<u>"Nem um chavo"</u>	Sem um botão Sem chaves Sem dinheiro
<u>"Tas-me cá a sair da casca"</u>	Estás a crescer Estás a ficar atrevido Estás cansado

As personagens

Complete a coluna da direita, caracterizando física e psicologicamente as personagens do conto a partir dos segmentos textuais apresentados:

PERSONAGENS	SEGMENTOS TEXTUAIS	CARACTERÍSTICAS FÍSICAS E/OU PSICOLÓGICAS
PAI	«Endureceu a cara barbuda e engrossou a voz»	
	“Ah é assim que se fala com o pai»	
	«Olha, se não houver...- num tom duro - Mas há. Tem mesmo que de haver»	
FILHO	«Meu pai é um artista»	
	«O pai perguntou alguma coisa?»	
	«O pai tem cada pergunta...»	
	«E se lá não houver trabalho»	

Sopa de letras

Nesta sopa de letras, identifique os espaços apresentados ao longo do conto «Até ao Fim do Mundo»

A	B	N	O	M	K	O	S	B	M	L	V	N
A	V	A	R	B	A	I	E	D	L	A	N	H
V	X	C	V	B	Y	U	R	N	U	P	S	J
E	C	S	E	E	S	S	K	A	I	U	F	U
L	A	A	B	G	D	P	G	N	B	I	R	O
E	S	N	M	N	P	A	J	N	I	O	H	P
I	D	G	C	M	R	M	K	N	U	P	U	Ç
R	C	E	P	B	V	B	N	H	T	Ç	I	S
A	V	M	K	N	D	C	M	M	R	L	O	E
S	B	I	L	N	A	V	O	N	A	L	I	V
P	N	L	V	N	M	B	C	Y	U	Q	M	E
Ç	H	S	G	B	U	M	Z	I	I	D	H	N
J	Y	D	H	E	O	O	X	U	K	S	R	S
U	K	C	N	R	P	I	C	T	E	E	E	A
K	O	V	J	Q	L	Y	V	R	D	R	T	D
H	P	B	U	W	A	U	B	E	W	T	Y	R
G	O	N	N	S	D	L	N	R	R	Y	U	A
M	P	O	K	D	C	Ç	M	D	T	U	I	L
D	B	P	Ç	C	V	G	L	F	Y	I	O	I
T	R	A	V	A	N	C	O	S	U	O	P	V

ALDEIA BRAVA
BRAGA
NEVES
TRAVANCOS

AVELEIRAS
VILA NOVA

SANGEMIL
VILAR DAS

Da Raiz é que Crescem as Árvores



Apresentação da autora

Maria Ondina Braga

Nacionalidade portuguesa.

Nascida na cidade de Braga, a 13 de Janeiro de 1932.

Concluiu a sua licenciatura e quis dar a conhecer uma parte do mundo onde lecionou Inglês e Português, concretamente, Angola, Goa e Macau.

O meu sentir (1949), *Poesia Almas e Rimas* (1952) foram poesias que a lançaram

como escritora.

Participou em crónicas de carácter social para os jornais da cidade de Braga.

Traduziu grandes produções de grandes autores: *Graham Greene*, (*A metade negra de Deus*, *o Cônsul Honorário*) *Bertrand Russel*, *John Le Carré*, *Herbert Marcuse*, *AnaisNin* e *TzvetanTodorov*.

Maria Ondina não tinha apego pela vida, os seus textos tinham um carácter intimista, incluindo temas como a solidão, a melancolia, a consciência da morte.

A melancolia definia a sua personalidade traduzida em palavras.

Viveu sozinha sempre, nunca casou nem teve filhos, dedicou-se à escrita e alimentava-se dela.

Em 2000, foi condecorada com um prémio literário.

No intuito de desenvolver o gosto pela leitura e pela escrita, a Câmara Municipal de Braga, honrando a memória de Maria Ondina Braga, insigne escritora, nascida e falecida na cidade de Braga e cuja obra representa um património da mais elevada importância para a cultura nacional e um grande motivo de orgulho para todos os bracarenses, instituiu o "Prémio Literário Maria Ondina Braga", cuja primeira edição ocorreu no ano de 2005.

Acaba por falecer a 14 de março de 2003 com 71 anos por doença prolongada.

Uma das suas últimas contribuições de sabedoria foi a participação no livro *Contos do Minho*

Produção literária

Eu Vim para Ver a Terra (1965) – Crónicas

A China Fica ao Lado (1968) - Contos [Prémio do concurso de Manuscritos do SNI em 1966]

Estátua de Sal (1969) – Romance

Amor e Morte (1970) - Contos [Prémio Ricardo Malheiros]

Os Rostos de Jano (1973) - Novelas

A Revolta das Palavras (1975) – Contos

A Personagem (1978) – Romance

Mulheres Escritoras (1980)

Estação Morta (1980) – Contos

O Homem da Ilha e Outros Contos (1982)

A Rosa de Jericó (1982),

A Casa Suspensa (1983)

Lua de Sangue (1986),

Memórias e mais dizeres (1988)

Noturno em Macau (1991) - Romance [Prémio Eça de Queirós]

Passagem do Cabo (1994)

A Filha do Juramento (1995)

Vidas Vencidas (1998) [Grande Prémio de Literatura ITF 2000]

Uma leitura do conto “Da raiz é que crescem as árvores”

Este conto retrata um pouco da vida da autora Maria Ondina Braga.

Descreve a profissão de marceneiro que tinha seu pai e a partilha das vivências com este, no seu percurso sofrido em termos de deslocação nas entregas das suas obras (altares), pelas várias terras cavalgadas da região do Minho, invocando alguns santos para que as suas viagens tortuosas corressem pelo melhor.

Este conto insurge-se, essencialmente, na tão vinculada crença da religião Católica, em que estavam muito presentes as orações diárias na vida dela e dos seus familiares.

Relata as travessuras do seu irmão para com ela e que muitas vezes não eram do seu agrado, uma vez que não gostava dos bichinhos invertebrados de que era alvo por parte do seu irmão e da própria natureza. Fala ainda de apreciar as flores e o gosto que tinha nelas.

Por outro lado, deixa um registo de que tinha medo das professoras, que não gostava das suas colegas e que já as conhecia pelos seus tiques e comportamentos individuais.

Por último, levanta o tema da emigração masculina para o Brasil. Refere que a emigração, por parte dos esposos, trazia dissabores às mulheres que ficavam sem saber, na grande parte das vezes, do seu paradeiro, poucos eram os que voltavam à procura de misericórdia e que muitas vezes não eram aceites.

Termina o conto, deixando escrito que todas estas vivências, de certa forma, influenciaram a sua vida.

Cultura

Lausperene Quaresmal

Esta é uma tradição antiga da cidade de Braga, tão antiga, que com certeza todos nós já assistimos pelo menos uma vez.

Este hábito e tradição existe desde 1710 e escreve-se que foi o Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles o mentor deste feito ainda hoje praticado.

Lausperene é uma palavra que vem do latim e que quer dizer “louvor perene”.

Esta devoção tem normalmente a duração de 40 horas, em memória do período que o corpo de Jesus Cristo passou no túmulo até à ressurreição.

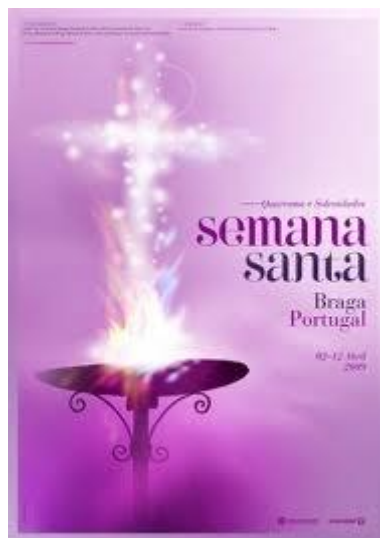


Este acontecimento tem data pela altura da Quaresma, especificamente, na primeira quarta-feira de cinzas.

A essência desta festa é procurar que os fiéis a Deus possam adorar o Santíssimo Sacramento ao longo de todo o dia, durante toda a semana, passando por cerca de vinte igrejas de forma gradual.

Os devotos desta tradição ainda se mostram bastante arrogados. A igreja trata de todos os ornamentos da arte floral para as tribunas e os fiéis estão presentes diariamente.

Em 2010, celebraram-se 300 anos deste acontecimento.



Da Raiz é que Crescem as Árvores



Descubra o nome da autora e os títulos das suas obras.

M	A	W	O	R	T	A	A	M	A	V	Y	L	D	E	R	I	A
A	O	L	S	S	A	C	Z	Z	N	X	M	Q	P	H	T	P	M
R	Z	A	D	F	G	C	H	J	G	K	L	Ç	U	Q	W	E	R
I	R	R	R	T	Y	H	U	I	U	O	P	A	A	S	D	F	E
A	G	H	O	J	Ç	I	L	K	S	Z	X	C	C	V	B	N	V
M	P	L	S	M	O	N	K	N	T	I	J	N	A	U	H	B	O
O	Y	G	T	V	T	A	F	C	I	R	D	X	M	E	S	Z	L
N	W	A	O	S	E	X	R	T	A	Y	K	B	H	D	S	E	T
D	C	M	S	O	P	F	E	W	Q	S	A	R	E	E	H	O	A
I	Q	O	U	W	X	I	T	X	E	C	M	V	D	B	B	N	M
N	W	R	D	C	M	C	L	S	M	A	O	X	B	L	U	O	D
A	Z	R	E	T	D	A	H	A	L	P	R	W	O	A	Ç	R	A
Ç	L	P	O	U	L	E	B	D	P	V	O	U	N	S	N	R	S
B	A	B	J	C	D	A	E	I	E	F	E	G	R	H	R	I	J
R	R	M	A	X	Z	O	S	C	Q	R	T	V	U	E	D	X	P
A	Q	W	N	E	R	R	T	N	U	N	M	Y	T	D	W	R	A
G	A	S	O	E	W	L	A	E	I	Q	O	A	O	X	A	D	L
A	R	T	Y	I	P	A	Q	V	M	A	R	S	N	V	B	M	A
A	A	S	D	F	G	D	H	H	J	E	T	K	L	A	Ç	P	V
Z	C	W	P	H	T	O	Y	S	V	R	E	Y	I	U	L	M	R
Q	W	E	R	T	U	Y	P	A	O	H	G	F	D	T	S	A	A
V	X	Z	X	Q	O	B	R	D	M	B	C	Z	X	A	S	B	S
P	M	D	F	J	J	A	E	I	R	T	Y	U	I	O	T	S	V
R	Y	R	Q	A	P	R	U	V	T	R	E	W	Q	S	A	X	C
A	Q	W	A	M	Q	X	B	M	J	R	T	E	Q	E	Y	E	U
Q	Q	T	I	O	C	Ç	P	X	C	T	W	O	Q	G	O	I	Q
W	P	V	O	I	Y	T	Q	A	S	C	E	V	R	H	P	U	W
A	U	Q	W	D	T	R	Z	R	X	Z	R	E	T	K	M	Y	E
E	W	E	R	T	Y	I	O	P	M	A	T	S	Q	B	N	T	R

“Eu vim para ver a terra”

“Estátua de Sal”

“Os rostos de Jano”

“Angústia em Pequim”

“Vidas vencidas”

“A China fica ao lado”

“Amor e morte”

“A revolta das palavras”

“Noturno de Macau”

Divirta-se e descubra o significado de cada uma das palavras, abaixo mencionadas.

1	Entalhar	A	Meditar, cismar. Pensar muito sobre um assunto. Cismar; imaginar.
2	Ornato	B	Que se finou. Pessoa que faleceu. Defunto.
3	Oratório	C	Rua estreita e longa. Caminho estreito, entre paredes, e mais ou menos sem declive.
4	Congeminar	D	Gravar; esculpir; cinzelar. Abrir a meio relevo. Meter em talha ou em talhas.
5	Congosta	E	Relativo à oratória. Próprio de orador. Móvel em forma de armário para imagens devotas. Capela doméstica; Lugar de oração. Lugar onde os condenados à morte passam o seu último dia de vida.
6	Esporear	F	Picar com as esporas. Estimular, incitar.
7	Finado	G	Adorno permanente. Flores do (estilo). Diz-se de tudo o que está fora do escudo.
8	Jaculatória	I	Compromisso solenemente contraído entre vários indivíduos contra um governo constituído ou as instituições vigentes. Conspiração; Trama; Conjura.
9	Conjura	J	Oração curta e fervorosa.

1	2	3	4	5	6	7	8	9

O Caminho do Regresso

Apresentação da autora

A autora deste conto, Maria do Pilar Figueiredo, nasceu em Cambreses, Barcelos, em 5 de Janeiro de 1930, passando toda a sua infância e adolescência nessa região minhota. Fez os seus primeiros estudos em Braga (Curso Elementar do Comércio) na então denominada Escola Comercial e Industrial Frei Bartolomeu dos Mártires.

Aos dezanove anos consegue um emprego na secretaria de um hospital, em Vila Nova de Gaia. Mais tarde, obtida transferência para o Porto, passou por diversos departamentos do mesmo Ministério. Já depois de casada prossegue estudos secundários, o que lhe permite concorrer à Câmara Municipal do Porto. Em 1973, após terminar o Curso Complementar dos Liceus, faz o exame de admissão à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e passa a frequentar o Curso de Filologia Românica. Após a obtenção do Bacharelato em 1976, abandona as funções que exerce na C.M.P., para iniciar uma carreira docente. Faz Estágio Pedagógico em 1978, tendo terminado a Licenciatura nesse mesmo ano.

Continuou a lecionar em diversas escolas do Porto, tendo requerido a aposentação em 1991, situação que lhe permitiu dedicar-se mais intensamente à produção literária. Apesar de continuar a viver no Porto, mantém estreitos laços com Barcelos, sobretudo Cambeses onde permanece, intacta, a casa de família.



Uma leitura do conto: “O Caminho do Regresso”

O meu conto intitula-se “O Caminho do Regresso” e tem como protagonista um emigrante, que está em Paris e que regressa a Portugal para a sua aldeia natal. A ação decorre no comboio, na sua viagem de regresso, em que o protagonista reflete nas diferenças entre a sua vida em Paris e a vida na sua aldeia, consciencializando o quanto lhe faz falta voltar à terra natal. Desejoso de regressar a casa, conforme se vai aproximando, vai revivendo e recordando as imagens, as sensações, os cheiros, os sons, tudo o que lhe enche o coração de saudade. Assim, ansioso por ver a sua terra, continua a lembrar-se cada vez mais, de factos passados da sua vida, acontecimentos bons e maus, tudo serve para dar mais valor ao seu regresso a casa, e quanto mais perto está, mais os sentimentos crescem de emoção. Começa então a compreender o porquê de outros emigrantes viverem como vivem e darem tanta importância ao regresso a casa. Cada vez que vai passando por alguma paisagem familiar, mais sente que todos os caminhos vão dar ao seu desejado destino.

Exploração do vocabulário

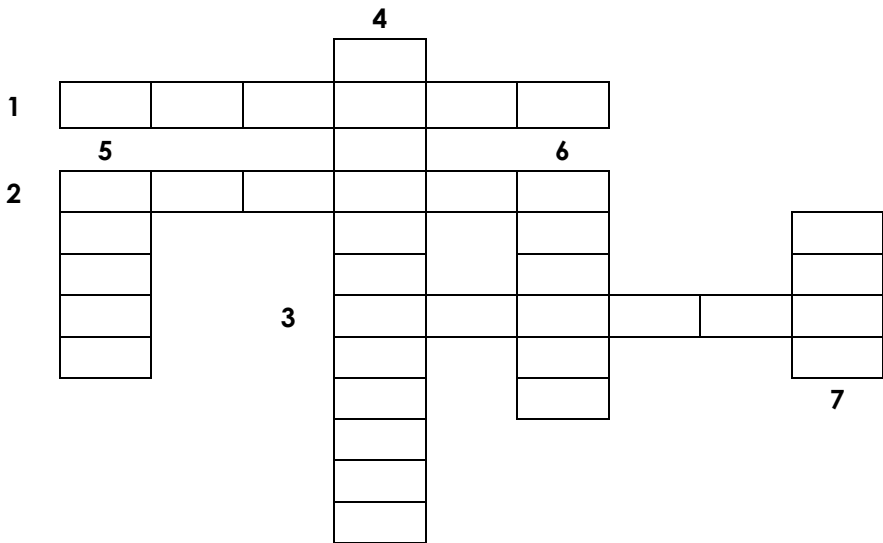
Palavras difíceis de encontrar

V	F	R	E	O	I	L	U	C	E	P	P
I	G	H	U	K	N	P	S	P	A	E	S
V	U	P	A	R	D	A	C	E	N	T	O
I	E	B	J	A	O	A	O	D	G	N	I
F	S	A	R	L	L	D	O	R	T	E	R
I	F	U	T	A	E	A	D	E	I	M	B
C	E	L	A	X	N	R	L	G	P	A	E
A	T	A	P	E	T	A	D	O	S	D	R
D	E	S	I	V	E	U	V	S	B	A	P
O	P	O	N	T	I	L	H	A	R	I	G
R	N	J	R	O	I	N	T	X	A	C	Q
Q	S	E	N	L	P	E	D	T	R	N	O
X	I	O	P	U	A	R	L	X	R	E	P
V	E	V	A	P	I	D	O	P	A	D	R
A	B	R	E	O	L	H	O	S	N	A	E
E	N	Q	Z	P	O	E	X	D	A	C	M
A	T	A	P	R	E	C	P	D	R	A	P

Encontre as seguintes palavras:

ENLUARADA	
ÉBRIOS	
PECÚLIO	
ATAPETADOS	
CADENCIALMENTE	
PARDACENTO	
PEDREGOSA	
PONTILHAR	
VIVIFICADOR	
ORLADO	
EXALAR	
INDOLENTE	
ABRE OLHOS	

Lugares



Decifre:	
1- País da Europa Central	
2- País de origem	
3- Urbanização	
4- Cidade portuguesa; cruzamento	
5- Capital francesa	
6- Pequena povoação	
7- Rio europeu	

Considere o desenvolvimento do conto «O caminho do regresso» e assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as afirmações abaixo transcritas.	V/F
O protagonista do conto é um emigrante em Espanha.	
O conto desenrola-se num comboio.	
A dada altura, o protagonista pensou: "Esta manhã já dormirei na minha casa".	
O protagonista descreve as mulheres da sua terra como velhas.	
O conto passa-se em pleno mês de março.	
Mudou de comboio no Porto.	
O conto acaba quando o protagonista chega a casa.	

Curiosidades da Língua Portuguesa

Preencha os espaços com o sufixo específico do advérbio de modo "-mente".	
Exemplo:	
Com distração	Distraidamente
Com desespero	
Livre	
Com nervos	
De forma prematura	
Com alegria	
Com poder	
De forma definitiva	

A Manhã de Julho

Apresentação do autor

Miguel Duarte Soares

Miguel Duarte Soares, nasceu em Braga (1973), formou-se em Sociologia das Organizações na UM (Universidade do Minho). Desenvolveu a sua atividade, desde 1998, enquanto formador, co-autor de projetos e estudos sociológicos, enquanto responsável pelo departamento editorial de um portal da Internet.



Blog de Miguel Duarte Soares

http://letteri.blogger.com.br/2008_02_01_archive.html

Frase do Blog: Tudo cabe, mesmo o descabido. A vida não é um armário.

Artigo de Opinião escrito por Miguel Duarte Soares na Internet, no portal, onde era Redator e Colaborador:

<http://www.franchising.pt/portal/fdm/FDM1.pdf>

Revista: Franchising Digital

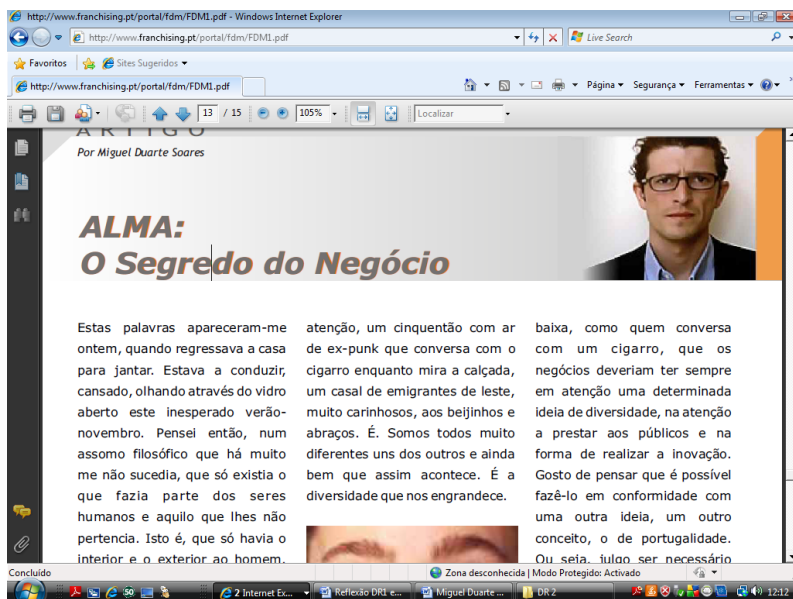
ALMA:

O Segredo do Negócio

Estas palavras apareceram-me ontem, quando regressava a casa para jantar. Estava a conduzir, cansado, olhando através do vidro aberto este inesperado verão de Novembro. Pensei então, num assomo filosófico que há muito me não sucedia, que só existia o que fazia parte dos seres humanos e aquilo que lhes não pertencia. Isto é, que só havia o interior e o exterior ao homem. Rapidamente percebi que, no entanto, o exterior cabia, quantas vezes, no interior do homem. Claro que assim era. Mas, e o interior do homem, seria ele parte integrante do seu exterior? Apreciei mais a carne assada que o arroz que a acompanhava. Sim, enquanto lavava os dentes, pois se o homem está sempre a deixar a sua marca em tudo o que toca...Nem sempre o faz é da melhor forma. Ou da forma mais estimulante. Ao meu lado está a universidade e alcanço-a enquanto inspiro fundo um delicioso aroma a terra molhada. Caminho de forma lenta e tento perceber as motivações dos que comigo se cruzam: estudantes jovens com as mãos direitas erguidas segurando um objeto ao qual dão muita atenção, um cinquentão com arde ex-punk que conversa como cigarro enquanto mira a calçada, um casal de emigrantes de leste, muito carinhosos, aos beijinhos e abraços. É. Somos todos muito diferentes uns dos outros e ainda bem que assim acontece. É a diversidade que nos engrandece.

No final do meu passeio dou comigo a tomar café e a cair na realidade de novo. Penso então nos novos negócios dos homens

novos, como estes que comigo habitam este espaço. Digo em voz baixa, como quem conversa com um cigarro, que os negócios deveriam ter sempre em atenção, uma determinada ideia de diversidade, na atenção a prestar aos públicos e na forma de realizar a inovação. Gosto de pensar que é possível fazê-lo em conformidade com uma outra ideia, um outro conceito, o de portugalidade. Ou seja, julgo ser necessário para o nosso desenvolvimento económico e social que apostemos em ideias boas, mas que o façamos tendo em conta a nossa identidade. Deixando uma marca de modernidade, de inovação e de carácter. Sem recorrência sistemática às ideias dos outros. Mas isto, parece-me evidente, passa por uma aposta determinada, intransigente, na educação dos mais novos. São eles quem terão de perceber claramente a necessidade imperiosa de criarmos/sedimentarmos a nossa marca no mercado global. Uma marca que nos distinga, que nos promova, que nos orgulhe. Faça chuva ou faça sol. A empregada de *piercing* no nariz piscou-me o olho à saída.



Uma leitura do conto “A Manhã de Julho”

Ernesto e Marta encontraram-se passados seis anos de se terem conhecido. Neste espaço de tempo, Ernesto escreveu-lhe algumas cartas e pareceu-lhe tê-la visto algumas vezes no meio da multidão.

Ernesto, recorrentemente, tinha pesadelos com mulheres mortas e nuas na sua cama.

Agora, porém, tinha Marta na sua cama, a mulher que mais amara.

Este estado de quase demência provocava em Ernesto um estranho cansaço, já quase não se aguentava de pé, ouvia e tinha alucinações.

Desde que perdeu a inocência foi-se tornando quase cadáver.

Marta sentia-se imobilizada há horas, numa letargia, lembra-se de o ter encontrado e de ter ido para casa dele.

Estava nua, a nudez perturbou-a, como já não acontecia desde os seus oito anos. Neste instante, Marta revive dezoito meses que viveram, encaixotadamente juntos, como se Ernesto fosse um prolongamento da sua vida. Não sabia muito bem o que estava ali a fazer.

Ernesto estava a escrever o seu livro.

Marta foi para a Capital. As lágrimas libertaram as tensões e prometeu visitá-lo de dois em dois meses...uma paz absoluta.

Na sopa de letras que a seguir se apresenta, identifique as palavras-chave que explicam a essência do conto “A Manhã de Julho” de Miguel Duarte Soares,

A	E	O	P	E	N	C	O	N	T	R	O	W	I	O	O	E	W	O	D	O	O	W	
S	D	N	U	A	I	Q	T	A	R	M	O	O	P	O	P	R	L	Ç	T	U	U	P	T
F	S	H	I	Q	O	U	S	B	I	O	P	P	O	T	P	O	E	O	U	O	I	T	A
F	A	H	W	E	C	I	F	A	S	P	E	R	N	E	S	T	O	T	P	P	O	Y	Q
D	D	F	M	S	H	O	G	O	T	G	N	U	C	S	K	E	E	U	R	D	T	O	W
A	K	H	A	D	J	Y	E	A	E	E	O	I	U	G	O	E	R	P	A	E	S	S	E
X	O	Q	R	G	F	G	J	A	Z	O	E	C	O	G	P	P	A	S	S	A	D	O	R
V	H	T	T	D	R	G	U	P	A	S	S	A	O	O	D	R	M	T	R	E	E	E	T
U	G	A	A	Y	F	F	L	A	I	E	E	S	P	P	T	L	O	O	E	T	T	U	Y
H	F	O	A	U	A	A	H	O	H	O	S	A	R	S	Y	K	R	H	S	U	Y	O	U
A	E	S	C	R	I	T	O	R	O	G	E	D	Q	R	U	U	R	H	I	I	O	O	D
E	V	O	R	I	I	V	I	E	D	F	S	O	A	A	O	O	Y	J	8	I	P	F	Y
U	D	T	K	L	C	V	Y	P	D	N	E	R	T	T	S	J	R	H	M	P	W	U	I
I	I	A	H	H	O	G	G	U	U	R	S	O	U	U	R	B	A	L	E	G	R	I	A
I	A	U	S	E	N	C	I	A	O	E	E	J	I	O	P	H	Q	F	S	T	I	C	W
I	D	Q	D	J	A	D	B	E	P	A	S	A	P	O	T	I	E	O	E	T	O	R	R
O	E	E	D	F	T	I	J	T	P	E	I	O	J	P	T	O	R	A	S	D	O	I	C
P	U	Y	S	P	U	R	P	Q	S	R	P	E	O	O	A	P	U	U	S	R	S	J	A
M	S	O	H	R	P	A	O	U	A	Y	O	A	A	D	S	F	T	O	F	O	E	O	U
D	O	P	U	S	O	A	K	O	R	F	O	U	S	D	E	O	Y	S	G	U	W	P	P
W	E	A	S	W	F	I	K	P	Y	G	K	P	T	F	R	P	R	X	O	P	Q	A	W

O conto " A Manhã de Julho" de Miguel Duarte Soares
Palavras a descobrir
Encontro
Ernesto
Marta
Julho
Amor
Escritor
Casa do Rojão
Passado
18 Meses
Ausência
Alegria
Tristeza
Adeus

Considere o conto «A Manhã de Julho» e assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as afirmações abaixo transcritas.

	V	F
Ernesto e Marta são as personagens do conto.	☐	☐
Ernesto e Maria são as personagens do conto.	☐	☐
Reencontraram-se numa manhã de Julho.	☐	☐
Ernesto é um pintor.	☐	☐
A história passa-se em 1950.	☐	☐
A relação das personagens é um casamento conservador.	☐	☐
Encontram-se na cidade onde se haviam conhecido.	☐	☐
Ernesto é escritor.	☐	☐
Marta mora na capital.	☐	☐
Já se conheciam há muitos anos.	☐	☐
Passam a noite juntos.	☐	☐
Ficaram juntos para sempre.	☐	☐
Resolveram encontrar-se, talvez, de dois em dois meses.	☐	☐

Curiosidades da língua

Estabeleça a correspondência entre as palavras da mesma família, mas considere as diferentes classes gramaticais a que pertencem.

NOME	VERBO	ADJETIVO
Aflição	Afligir	Aflito
Depressão		
Arrepio		
Cansaço		
Abraço		
Beleza		
Salvação		
Pintor		
Conquistador		

A (In) definição do tempo no conto «A Manhã de Julho».

Atente nas seguintes expressões temporais e complete os segmentos textuais de acordo com o desenvolvimento do conto.

seis anos	numa noite	de julho
há horas	àquela hora tardia	dois em dois meses
seis anos		

1. « Há que não se corrigiam em afetos....que não se asphaltavam em arriscadas prosas.»
2. « quente e seca»
3. «Parecera-lhe voz de criança, o que não era evento costumeiro.»
4. « Sentia-se imobilizado e no entanto voara e vira as planícies festejantes em redor da cidade»
5. «Marta prometeu visitá-lo de se tal não sucedesse.»

A (In) definição do espaço do conto «A Manhã de Julho».

Atente nas seguintes expressões espaciais e complete os segmentos textuais de acordo com o desenvolvimento do conto.

a capital	à janela da cozinha
em redor da cidade	pela casa
avenida principal da cidade	a esquina do edifício amarelo
na sua cama	à capital

1. “Ela fora trabalhar para”
2. “...grandes olhos negros...que faiscavam ali em plena”
3. “De vez em quando lá encontrava uma”
4. “Lembrava-se de ter contornado”
5. “Despiu-a e foi transportar o seu cansaço...”
6. «...e no entanto voara e vira planícies festejantes soerguerem-se...»
7. “...dirigiu-se, descalça...”
8. “...viagem de regresso”

Soluções

Uma leitura do conto “ Os Homens e os Outros”

7	Pouco tempo depois avistaram mais dois guardas e esconderam-se, mas o cão que os acompanhava deu alerta, os guardas aproximaram-se deles, e os caçadores combinaram fugir um subindo a serra e o outro descendo e assim o fizeram.
2	No decorrer da conversa, o velho contava-lhe acontecimentos das pessoas da terra, e repara que Duardo não responde, o velho insiste e pergunta-lhe o que se passa, e ele continuava calado. Depois de tanta insistência do velho, Duardo conta-lhe que decidiu ir trabalhar para Caniçada.
4	Entretanto Libiana grávida de Duardo, chega de se confessar e o velho dá-lhe a notícia, num tom crítico e de gozo, no qual Duardo fica furioso aponto de o enfrentar, mas Libiana, afilhada do velho tenta acalmar Duardo, manifestando também o seu desagrado com a decisão tomada por ele. Duardo pega na sua arma e sai para caçar, seguido pelo velho e pelo cão
9	O velho confessa-lhes que matou um polícia e que irá fugir para a fronteira, Duardo queria acompanhá-lo mas o velho recusou e argumentou que alguém tinha de ficar, porque os guardas vão tentar subir a serra e alguém tem que os impedir e fazê-los descer.
6	Em seguida avistou uma toca e pareceu-lhe ser de raposa, o cão entra na cova, Duardo aponta a arma. De repente um guarda aponta-lhe uma arma ao pescoço e pede-lhe que este lhe entregue a arma, à medida que o velho se aproxima dá um tiro para neve, gerando uma discussão e o guarda foge desarmado e os dois continuam a caça.

10	O velho aconchegou-se ao lume à espera que neva-se para subir então a serra e fugir para a fronteira.
1	Este conto passa-se no inverno, no mês de Janeiro, num povoado do Minho perto da fronteira. Dois homens, caçadores estão sentados em frente a uma lareira a conversar, usando uma linguagem com expressões antigas e de calão.
3	O velho surpreendido com a decisão dele tenta fazer com que ele mude de ideias, censurando-o e criticando-o, porque acha que Duardo deve continuar na terra, ser um homem livre e continuar a caça como todos os homens que vivem naquele povoado, sem ter que acatar ordens de alguém e viver como um prisioneiro. Duardo argumenta que como vai ser pai, não quer que o seu filho seja um fugitivo e que viva em condições como o pai, desejando-lhe um futuro diferente e melhor.
5	Sobem a serra, coberta de neve e tendo dificuldade em caminhar por causa de neve e do frio enterrando-se de neve até aos joelhos. Continuaram a subir a serra Duardo apressado é interrompido pelo velho que lhe pergunta onde ele vai, Duardo diz-lhe que vai às cabras. Ao longe ouvem o cão a ladrar e acham que deve estar por perto uma lebre e apressam-se o velho foi ficando para trás. Duardo apercebe-se e observando a paisagem do povoado conclui que a serra é dura e madrasta, mas que é deles e onde se sentem bem por isso decide não ir para Caniçada trabalhar na barragem.
8	O velho só apareceu em casa á noite friorento e com a roupa molhada, Duardo e Libiana recebem-no contentes por estar vivo e perguntam-lhe o que aconteceu

Exploração do Vocabulário

- Vais pra onde, <u>catano</u> ?	...caraças
- Estás <u>doudo</u> , rapaz?	...maluco...
-É por <u>mor</u> do nosso filho.	...por causa...
- <u>Catano</u> ! O que é que tu tens, rapaz?	Porra!
- Vento <u>de reconco</u> . Não tarda a parar.	...barulhento...
- <u>Carago</u> ! Vou pra Caniçada, já disse.	Porra!
- Estás <u>doudo</u> , <u>catano</u> ?	...maluco, caraças?
- <u>Porra</u> , rapaz!	Caraças,...
O velho coloca a vareta na espingarda e prende os polvorinhos e os <u>chumbeiros</u> à cintura.	...cartuchos...
- Rapariga, tu não vives com um homem. Vives com um <u>cagão</u> , <u>catano</u> !	...medicas do caraças
Escondidas entre os matos e as urzes, as charrelas <u>ciscam</u> a neve e piam, e os corços <u>retouçam</u> as folhas geladas dos silvedos.	...perdizes batem... ...comem...
O cão corre na frente, a farejar as <u>touceiras</u> que encontra no caminho. Sempre calados,	...buracos...
- Mas cá em <u>riba</u> canta outro galo.	...cima...
- <u>Aboca</u> , Farrusco!	...come...
Levanta a <u>mauser</u> e mira o peito do rapaz.	...espingarda...
O velho retira o <u>percussor</u> e guarda-o no bolso da samarra, e quebra a coronha na laje.	Peça que faz a arma disparar
- Ainda estão por aí <u>amoutados</u> , pá. De certeza!	...a monte.

Provérbios

1. C O L M E I A S
2. N O S
3. Q U I R O I A L
4. A G E N I E
5. N Ã O P O D E S
6. C U V Ê
7. M O R R E
8. P E D I R V E M
9. D O I S
10. S E C O N H E C E
11. É A M I G O
12. M O R D E

As personagens

VELHO	velho, enrugado, cara vermelha, alto, magro, olhos cinza, inquietos e frios
DUARDO	pele vermelha e curtida
LIBIANA	nova, pele vermelha e curtida

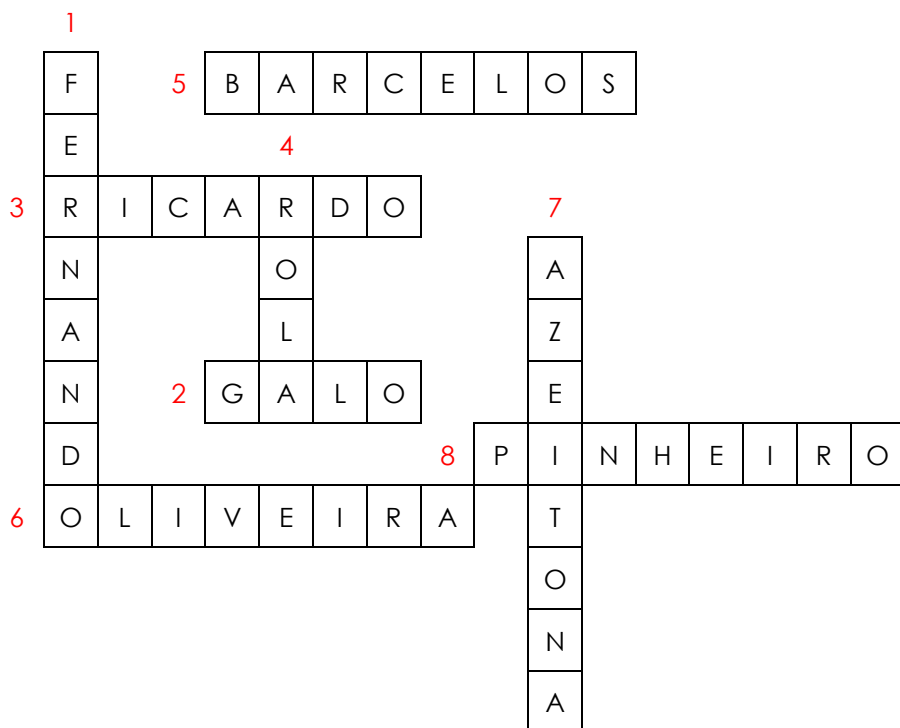
Exploração do vocabulário

1	2	3	4	5	6	7
b	a	c	e	g	f	d

Sopa de letras

O	S	C	D	C	A	R	V	A	L	H	O	T	N	U
W	L	C	A	S	T	A	Y	H	E	J	I	P	E	T
D	A	I	W	F	R	U	I	K	M	F	Y	E	S	A
V	D	G	V	E	F	T	B	G	A	E	V	R	P	R
B	X	R	U	E	R	A	I	R	C	D	F	E	E	I
C	C	D	H	D	I	T	D	A	I	A	E	I	R	E
E	V	W	V	G	R	R	O	S	E	R	S	R	E	I
D	B	A	F	B	H	O	A	D	I	T	A	A	I	C
R	N	A	R	U	T	R	A	Y	R	J	A	K	R	A
O	A	R	I	E	J	N	A	R	A	L	V	E	A	M
A	C	A	S	T	A	N	H	E	I	R	O	Y	U	I
A	R	I	E	F	R	E	J	E	R	Y	A	F	Y	J
U	E	R	A	Y	I	K	O	R	I	E	O	M	I	L
O	T	P	I	L	A	C	U	E	R	F	D	A	C	U
J	U	G	P	I	N	H	E	I	R	O	H	R	A	X

Crucigrama



Uma leitura do conto «Ricardo Lêndegas e o Mistério da Oliveira Galega»

	V	F
Ricardo Lêndegas era advogado?		X
Rola era a irmã mais velha de Ricardo Lêndegas?		X
As azeitonas nos anos pares eram verdes?	X	
O Povo da aldeia queimou a Oliveira Galega?	X	
As castanhas do castanheiro eram o fenómeno da aldeia ?		X
Os dois filhos de Ricardo Lêndegas eram a sua paixão?		X
Ricardo Lêndegas era ateu?		X
Ricardo Lêndegas encomendou a alma da oliveira a Deus?	X	
A personagem principal deste conto era o padre da aldeia?		X
Santa Leocádia do Monte situa-se no distrito do Porto?		X
Rola era uma mulher linda?		X

As Personagens

S IMPLÓRIA

P ROVINCIANA

N ODOSO

P ESSIMISTA

D EPRIMENTE

O adjetivo - grau superlativo absoluto sintético

A Oliveira é a árvore mais generosa. Generosíssima

Ricardo Lêndeas era um homem muito humilde. Humilíssimo

A lenha doce das podas é de todas as madeiras a preferida do fogo. Docíssimo

Era uma oração secreta. Secretíssimo

Ricardo Lêndeas era apaixonado pela Oliveira Galega. Apaixonadíssimo

Ricardo Lêndeas não passava de um lavrador remediado. Remediadíssimo

Nomes Coletivos

Um grupo de pássaros	A	14	Bando
Um grupo de porcos	B	15	Vara
Um grupo de camelos	C	13	Cáfila
Um grupo de cabras	D	6	Cabrada
Um conjunto de pessoas	E	5	Rancho
Um conjunto de atores	F	9	Elenco
Um conjunto de soldados	G	10	Exército
Um conjunto de aviões	H	4	Esquadilha
Um conjunto de serras	I	7	Cordilheira
Um conjunto de oliveiras	J	8	Olival
Um conjunto de pescadores	K	12	Companha
Um conjunto de ilhas	L	11	Arquipélago
Um conjunto de ladrões	M	3	Quadrilha
Um grupo de cães	N	1	Matilha
Um grupo de lobos.	O	2	Alcateia

Sopa de Letras

A	E	V	U	Y	T	G	H	K	L	O	M	A	R	E	T	Y	U	G	V	A	Q	W
N	V	E	L	H	O	O	I	L	O	P	O	R	D	F	G	J	I	K	L	O	L	D
T	K	N	M	K	Y	E	P	A	S	P	O	R	Q	I	O	L	I	M	A	I	O	C
I	J	B	G	H	S	U	S	R	G	J	O	A	E	M	Ç	J	O	U	R	I	I	F
Q	H	N	E	Y	I	C	O	X	O	G	O	S	D	B	P	R	L	Q	W	L	Ç	G
U	T	K	U	H	U	A	M	G	U	C	A	T	V	C	T	J	L	A	G	A	R	B
I	I	O	C	U	L	L	A	U	N	O	P	A	B	A	O	L	M	K	K	I	I	A
S	M	C	A	I	O	I	V	O	K	L	O	V	L	Q	A	U	O	I	I	L	M	N
S	U	I	L	K	I	P	R	Y	U	I	K	A	B	A	L	T	L	Q	K	U	A	C
I	H	T	I	L	A	T	O	S	S	I	R	M	B	V	T	E	E	M	J	J	T	O
M	L	A	P	A	G	O	F	F	T	Y	H	B	O	A	I	E	D	L	A	B	R	T
O	E	M	K	M	E	D	E	A	O	D	H	I	Y	O	J	I	O	P	T	E	A	G
R	V	G	I	I	T	E	V	T	S	N	N	O	H	I	O	D	R	K	A	D	U	H
T	N	I	V	L	N	M	E	S	S	O	U	Z	J	P	I	C	E	I	Q	A	Q	Y
N	H	N	F	E	E	O	R	E	R	I	O	I	M	U	K	P	L	L	U	T	C	U
E	K	E	V	D	R	U	E	F	I	U	H	U	N	I	F	I	H	P	E	H	D	I
D	I	D	C	E	F	R	U	A	N	D	A	J	V	V	B	K	A	A	I	Y	I	M
A	P	O	C	T	R	E	O	F	A	L	S	E	T	E	M	E	F	Q	E	N	T	Q
I	O	I	U	N	F	I	E	R	A	S	L	A	V	Z	O	L	A	M	U	L	D	A
U	L	K	I	O	S	X	X	V	G	N	I	K	L	O	L	H	A	R	F	R	I	O
O	V	M	L	P	O	D	E	R	O	S	O	D	A	V	Z	F	H	L	O	P	Ç	K
L	B	F	A	L	C	E	T	S	B	H	J	I	O	O	P	Ç	P	Ç	N	I	O	L
O	I	K	U	H	Y	T	R	F	V	E	E	R	D	T	H	Y	G	V	B	N	M	O

Exploração do vocabulário

Absorto	A		13	Distraído
Umbroso	B		6	Escuro
Petardear	C		11	Saltar
Pardacento	D		7	Um tanto pardo
Casario	E		4	Conjunto de casas
Garboso	F		12	Elegante
Estrídulo	G		9	Estridente
Macavenco	H		8	Esquisito
Lúgubre	I		10	Triste / Medonho
Anichado	J		5	Agachado
Sepulcral	K		3	Sombrio
Hercúleo	L		2	Valente
Coruscante	M		1	Reluzente

As personagens	
Onde trabalhavam os moços?	Galiza
Os moços trabalhavam na área da ...	Construção Civil
Que idade aparentava o moço mais novo?	Vinte e Quatro
Os moços quiseram gratificar o autor pela boleia como sinal de...	Gratidão/Respeito
Segundo o autor, os moços tinham uma determinada característica muito própria das pessoas de Rossas. Que característica era essa?	Simples/Francos

Exploração do vocabulário

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22
K	J	G	F	C	L	B	A	M	H	I	E	D	Q	T	U	V	O	P	S	R	N

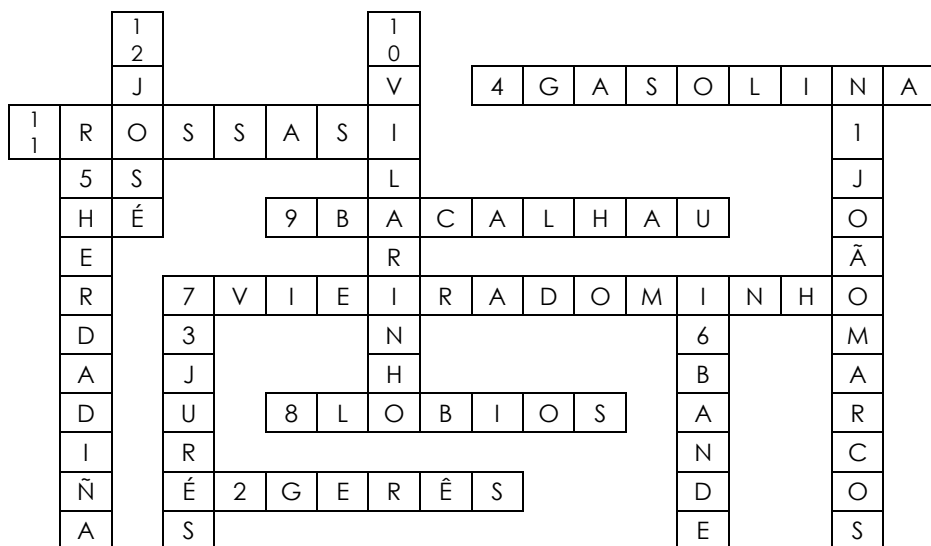
Gentílicos ou pátrios

Gerês	Geresano
Póvoa de Lanhoso	Lanhosense
Castelo Branco	Albicastrense
Chaves	Flaviense
Braga	Bracarense
Guimarães	Vimaranense
Trás-os-Montes	Transmontano
Viana do Castelo	Vianense
Coimbra	Coimbrão
Madeira	Madeirense
Évora	Eborense
Porto	Portuense
Rossas	Rossense
Vila Verde	Vilaverdense
Amares	Amarense
Terras de Bouro	Bourense

Sopa de letras

V	I	L	A	R	I	N	H	O	D	A	S	F	U	R	N	A	S	Ñ	A	D	R	T	Y	A	I	O	P	F	G
L	R	Ñ	É	É	S	U	T	X	Ç	R	Z	J	Y	Q	P	M	T	A	X	O	Y	Z	L	K	B	Y	O	H	Ñ
Y	I	P	O	R	T	E	L	A	D	O	H	O	M	E	M	E	H	W	P	S	X	F	Ñ	É	S	Z	V	X	C
O	P	W	E	A	S	D	F	G	H	S	J	K	L	Ç	M	N	B	V	C	X	A	Z	A	A	S	S	H	O	M
É	S	Ñ	Z	P	R	T	Y	U	I	S	A	S	D	F	G	H	J	K	L	N	Q	W	E	R	R	T	J	E	Y
Z	A	X	C	V	B	N	M	A	S	A	D	F	S	G	H	J	K	L	D	Ç	Q	W	E	I	R	T	K	D	U
Ñ	Z	H	Q	R	G	E	R	Ê	S	S	H	P	X	E	H	K	K	E	C	V	T	L	T	O	P	Ç	L	N	Ñ
Q	I	W	E	R	T	Y	U	I	O	P	É	U	N	Ñ	V	D	G	T	Y	U	I	O	P	C	A	E	Ç	A	P
Q	L	A	S	D	F	G	H	J	K	L	Ç	E	Z	X	C	A	F	T	G	H	S	J	K	A	L	Ç	P	B	Z
C	A	S	T	E	L	A	N	N	E	A	S	B	Q	X	O	P	H	N	Q	É	C	V	T	L	Z	X	O	Ñ	É
Z	G	X	C	V	B	N	M	A	S	D	C	L	F	G	H	J	K	C	R	L	Ç	Q	W	D	E	R	U	T	U
Q	W	E	R	T	D	F	R	A	S	D	F	A	G	H	Z	X	C	U	V	B	G	T	H	O	A	Q	Ñ	A	P
W	S	A	L	A	M	O	N	D	E	X	Z	D	B	C	R	P	J	I	Q	E	T	C	V	K	U	A	L	P	Q
Q	Ê	Ê	A	I	C	V	B	N	M	M	Q	E	W	R	Ê	Ñ	Q	S	D	F	G	H	J	K	L	B	É	L	Ç
A	R	S	E	R	V	D	F	R	T	H	G	S	Ê	Ñ	E	A	E	R	T	Y	U	I	O	P	E	M	Q	B	G
Q	E	Ñ	Ê	R	I	O	H	O	M	E	M	A	É	Q	W	I	Z	X	C	V	B	N	M	R	A	S	W	Q	Q
P	G	O	I	U	E	Y	Y	T	Ñ	R	Ê	N	N	É	Á	R	R	A	T	Y	U	I	G	A	W	W	R	E	O
Ç	O	L	K	J	I	H	G	F	D	D	S	A	A	M	N	B	V	A	C	X	Z	A	Y	T	R	I	O	R	S
H	D	G	F	D	R	Z	A	Q	W	A	S	B	X	C	D	E	R	F	F	V	R	B	G	T	Y	H	N	P	O
Ç	A	P	O	L	A	K	I	Ñ	Ê	R	É	I	Q	A	Z	S	E	R	F	I	V	G	T	Y	U	H	O	U	H
C	R	D	E	W	D	B	F	E	R	I	O	A	P	Y	G	H	S	L	A	Ç	M	J	U	T	G	R	Ç	H	N
A	I	Ñ	Ê	S	O	Z	X	C	V	Ñ	N	M	L	Ç	P	O	I	R	T	T	Y	A	X	D	T	Q	R	S	A
R	E	Y	T	Y	M	Q	E	R	T	A	P	Q	A	S	D	R	R	T	Y	U	I	O	P	U	A	Q	W	Q	L
O	B	L	K	J	I	H	G	F	D	S	S	A	Z	X	C	V	R	F	G	H	J	K	G	Q	W	E	R	W	E
X	I	D	R	T	N	F	F	C	V	G	Y	U	H	B	F	D	A	S	A	R	T	A	P	L	K	J	G	Ñ	D
Ê	R	A	W	E	H	R	T	Q	E	R	T	Y	U	I	O	Ê	C	É	Z	Z	L	L	O	D	E	R	T	É	A
Q	W	E	Z	X	O	C	D	E	R	T	F	D	T	A	O	L	J	H	F	D	R	T	Y	I	O	H	G	R	O
C	A	B	E	C	E	I	R	A	S	D	E	B	A	S	T	O	S	A	Q	E	Ñ	R	T	Y	U	I	O	Y	V
A	S	D	U	R	R	R	T	E	S	P	A	N	H	A	Y	E	R	T	Y	U	É	V	E	R	I	N	E	A	O
Q	W	E	R	D	F	G	H	J	K	O	L	J	H	G	T	R	D	S	C	G	G	Y	U	J	H	F	R	E	P

Crucigrama



Uma leitura do conto «O Regresso»

3	Assim foi decorrendo a vida de Modesto, de vez em quando vinha de visita a Portugal, cuidava da vinha e regressava, nascendo, entretanto, mais um filho.
4	Quando Miguel (o filho) cresceu decidiu que queria ir com o pai, e depois de muita insistência acabou por ir. Depressa percebeu o quanto era difícil a vida de um emigrante e regressou para estudar.
1	Este conto extraído do livro "Contos do Minho" decorre em Vieira do Minho e retrata a vida de um homem que, para proporcionar uma vida condigna à sua família, emigrou para França.
5	Atingindo a idade da reforma Modesto regressou, sendo a família quem o foi buscar. Esmeralda ficou chocada com as condições em que o marido viveu durante trinta anos.
6	Regressado ao seu país, Modesto só queria descansar e viver o resto dos seus dias, gozando a boa reforma que tinha conseguido com tanto esforço. Esmeralda, porém, não aceitava esta nova vida do marido e queixosa, gritou que não queria ser escrava dele e que o considerava um estroina.
2	Remonta à década de sessenta, quando todos os jovens portugueses eram chamados para a guerra colonial em Angola. Para fugir a este destino fatídico e por imposição da namorada que se recusava a viver na miséria em que tinham vivido os seus antepassados, Modesto partiu para Paris, onde trabalhou arduamente na construção civil, enviando para a namorada todas as economias que conseguia amealhar. Esmeralda, a namorada, foi gerindo o dinheiro e comprou uma casa para habitarem. Só três anos após a partida, conseguiu regressar para casar. Voltou de seguida, deixando um filho no ventre da esposa.
8	Saindo para o quintal foi apreciar as árvores e os pássaros, gozando um sossego merecido.
7	Modesto, magoado, quis dizer à esposa o quanto tinha sofrido para ganhar o dinheiro que alimentou e garantiu o bem-estar dela e dos filhos, no entanto, limitou-se a dizer que tinha cumprido a sua parte do contrato, emigrando como ela exigiu, por amor sim, mas cumpriu, agora seria a vez de ela cumprir a sua parte.

Estrangeirismos

<i>Fillet mignon</i>	<i>Bordeaux</i>	<i>Stand</i>	<i>Roulotte</i>
<i>Jeep</i>	<i>Hall</i>	<i>Chique</i>	<i>Duche</i>
<i>Stress</i>	<i>Dossiês</i>	<i>Cassetes</i>	<i>Cachecol</i>
<i>Sanduíche</i>	<i>Media</i>	<i>Ecrã</i>	<i>Show</i>
<i>Choufer</i>	<i>Stop</i>	<i>Snob</i>	<i>Menu</i>
<i>Stock</i>	<i>Póster</i>	<i>Pizas</i>	<i>Hambúrgueres</i>
<i>Líder</i>	<i>Badmington</i>	<i>Check-in</i>	<i>Spaghetti</i>

As personagens

Personagens	Segmento Textual	Características Físicas/Psicológicas	
Modesto	«Tinha um português escalavrado»		P
	«Não queria chatear-se. Era calmo»		P
	«Cumprí a minha parte do trato»		P
Esmeralda	«Enxuta»	F	
	«Garra para o trabalho»	F	
Miguel	«Sonhar alto»		P
	«Rapaz alto e moreno»	F	
	«Bom par de músculos»	F	
Patrão	«Gordo»	F	
	«Olho azul»	F	
Éveline	«Senhora simpática»		P

Exploração do vocabulário

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
C	E	H	A	G	J	F	I	D	B

Sopa de letras

F	E	S	H	G	P	G	T	C	U	S	V	A	A	B	J	V
R	U	J	X	F	A	A	O	A	A	K	A	S	B	I	R	I
C	A	T	E	D	R	A	L	N	O	T	R	E	D	A	M	E
L	E	O	S	D	I	O	L	T	D	F	C	M	D	J	T	I
O	F	R	R	R	S	L	S	E	G	T	O	A	G	T	D	R
U	H	R	D	O	E	G	D	L	H	J	D	D	M	S	H	A
R	S	E	E	T	S	T	F	A	O	S	E	N	A	P	H	D
E	Y	E	J	N	T	S	R	E	E	U	T	E	I	E	O	O
I	W	I	Y	I	H	D	A	S	S	O	R	Q	O	A	A	M
R	O	F	R	A	N	Ç	A	S	Ç	A	I	E	P	S	D	I
O	Z	F	C	T	D	P	R	T	W	D	U	P	R	F	P	N
L	M	E	H	D	L	E	G	D	O	J	N	T	E	M	G	H
D	E	L	C	A	B	R	E	I	R	A	F	M	A	F	A	O
T	H	E	T	Y	K	Ç	A	R	B	V	O	N	Z	D	J	L
J	Q	A	L	J	E	F	S	P	A	E	K	E	I	V	M	A
O	C	R	Y	O	P	E	C	S	C	A	N	I	Ç	A	D	A
L	R	O	A	R	D	E	V	A	R	I	E	O	J	H	T	C

Vocabulário

Silhueta	D
Subterfúgio	F
Gerâneos	B
Mogno	C
Barroco	E
Ameia	A

Sopa de letras

R	A	B	C	G	M	E	M	U	T	E	G	C	M	A	D	M	T	E	R	C	R	H	E
U	C	O	N	V	E	N	T	O	D	O	S	R	E	M	E	D	I	O	S	M	U	A	F
A	G	E	B	V	V	E	P	D	P	C	E	R	D	L	B	J	L	Z	U	A	H	J	M
D	L	O	B	R	A	V	O	X	Q	B	E	F	L	O	R	J	A	V	M	A	I	A	T
O	H	C	D	U	O	L	L	D	A	R	E	I	A	E	A	D	R	F	U	R	H	L	F
S	K	P	C	A	H	F	E	P	F	V	C	T	G	H	S	J	G	J	D	P	F	D	U
C	T	I	I	D	G	L	U	D	L	B	J	T	U	E	I	B	O	M	I	J	C	A	U
H	D	R	L	O	H	D	T	O	O	I	Q	I	U	M	L	P	D	I	F	Z	M	A	E
A	R	G	F	S	O	L	F	F	L	R	G	A	E	U	E	X	O	P	C	A	A	L	D
O	U	C	D	O	J	U	V	A	T	R	I	G	I	D	I	B	P	L	J	A	J	A	U
S	G	J	X	U	C	F	X	H	B	U	E	O	L	I	R	E	A	D	D	T	N	V	L
F	O	A	J	T	M	E	M	H	P	G	T	Z	C	W	A	B	Ç	J	U	M	B	D	R
G	R	J	G	O	R	A	E	V	R	U	U	I	V	A	U	J	O	N	D	U	T	M	Q
F	O	N	T	E	D	E	V	A	U	C	L	U	S	E	V	U	G	A	A	T	E	P	E
T	V	M	P	P	F	U	O	A	H	F	H	L	D	P	L	A	U	J	Y	O	S	D	B
V	A	B	L	E	T	C	F	L	L	F	C	M	A	T	A	D	D	C	D	E	A	O	H
P	U	B	T	F	A	A	M	A	A	A	E	B	A	D	C	B	E	O	L	C	M	D	C
Q	D	D	E	H	U	G	L	U	A	F	T	V	U	A	C	H	L	V	J	C	E	T	T
O	P	A	Ç	O	D	O	S	A	R	C	E	B	I	S	P	O	S	E	T	T	I	U	B
H	J	Q	O	E	L	Z	L	Q	E	D	E	C	D	T	U	U	I	M	C	C	R	D	A
D	J	A	R	D	I	M	D	E	S	A	N	T	A	B	A	R	B	A	R	A	O	A	V
V	U	P	T	O	A	S	T	O	R	I	A	N	G	N	X	C	O	X	H	J	V	C	H
L	B	E	L	R	G	O	E	T	E	G	O	C	D	C	N	D	A	B	R	T	T	D	T
B	D	I	G	R	E	J	A	S	A	N	T	A	C	R	U	Z	B	L	J	Q	Q	D	B

Exploração do vocabulário

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
C	A	B	J	F	G	E	I	H	D

Sopa de letras

A	B	N	O	M	K	O	S	B	M	L	V	N
A	V	A	R	B	A	I	E	D	L	A	N	H
V	X	C	V	B	Y	U	R	N	U	P	S	J
E	C	S	E	E	S	S	K	A	I	U	F	U
L	A	A	B	G	D	P	G	N	B	I	R	O
E	S	N	M	N	P	A	J	N	I	O	H	P
I	D	G	C	M	R	M	K	N	U	P	U	Ç
R	C	E	P	B	V	B	N	H	T	Ç	I	S
A	V	M	K	N		C	M	M	R	L	O	E
S	B	I	L	N	A	V	O	N	A	L	I	V
P	N	L	V	N	M	B	C	Y	U	Q	M	E
Ç	H	S	G	B	U	M	Z	I	I	D	H	N
J	Y	D	H	E	O	O	X	U	K	S	R	S
U	K	C	N	R	P	I	C	T	E	E	E	A
K	O	V	J	Q	L	Y	V	R	D	R	T	D
H	P	B	U	W	A	U	B	E	W	T	Y	R
G	O	N	N	S	D	L	N	R	R	Y	U	A
M	P	O	K	D	C	Ç	M	D	T	U	I	L
D	B	P	Ç	C	V	G	L	F	Y	I	O	I
T	R	A	V	A	N	C	O	S	U	O	P	V

Expressões do conto

1	2	3	4
Zangado	Mangas arregaçadas	Sem dinheiro	Estás a ficar atrevido

Exploração do vocabulário

Entalhar	Gravar; esculpir; cinzelar. Abrir a meio relevo Meter em talha ou em talhas
Ornato	Adorno permanente. Flores do (estilo). Diz-se de tudo o que está fora do escudo.
Oratório	Relativo à oratória. Próprio de orador. Móvel em forma de armário para imagens devotas. Capela doméstica. Lugar de oração. Lugar onde os condenados à morte passam o seu último dia de vida.
Congeminar	Meditar, cismar. Pensar muito sobre um assunto. Cismar, imaginar.
Congosta	Rua estreita e longa. Caminho estreito, entre paredes, e mais ou menos sem declive.
Esporear	Picar com as esporas. Estimular, incitar.
Finado	Que se finou. Pessoa que faleceu. Defunto.
Jaculatória	Oração curta e fervorosa.
Conjura	Compromisso solenemente contraído entre vários indivíduos contra um governo constituído ou as instituições vigentes. Conspiração. Trama. Conjura.

Sopa de letras

M	A	W	O	R	T	A	A	M	A	V	Y	L	D	E	R	I	A
A	O	L	S	S	A	C	Z	Z	N	X	M	Q	P	H	T	P	M
R	Z	A	D	F	G	C	H	J	G	K	L	Ç	U	Q	W	E	R
I	R	R	R	T	Y	H	U	I	U	O	P	A	A	S	D	F	E
A	G	H	O	J	Ç	I	L	K	S	Z	X	C	C	V	B	N	V
M	P	L	S	M	O	N	K	N	T	I	J	N	A	U	H	B	O
O	Y	G	T	V	T	A	F	C	I	R	D	X	M	E	S	Z	L
N	W	A	O	S	E	X	R	T	A	Y	K	B	H	D	S	E	T
D	C	M	S	O	P	F	E	W	Q	S	A	R	E	E	H	O	A
I	Q	O	U	W	X	I	T	X	E	C	M	V	D	B	B	N	M
N	W	R	D	C	M	C	L	S	M	A	O	X	B	L	U	O	D
A	Z	R	E	T	D	A	H	A	L	P	R	W	O	A	Ç	R	A
Ç	L	P	O	U	L	E	B	D	P	V	O	U	N	S	N	R	S
B	A	B	J	C	D	A	E	I	E	F	E	G	R	H	R	I	J
R	R	M	A	X	Z	O	S	C	Q	R	T	V	U	E	D	X	P
A	Q	W	N	E	R	R	T	N	U	N	M	Y	T	D	W	R	A
G	A	S	O	E	W	L	A	E	I	Q	O	A	O	X	A	D	L
A	R	T	Y	I	P	A	Q	V	M	A	R	S	N	V	B	M	A
A	A	S	D	F	G	D	H	H	J	E	T	K	L	A	Ç	P	V
Z	C	W	P	H	T	O	Y	S	V	R	E	Y	I	U	L	M	R
Q	W	E	R	T	U	Y	P	A	O	H	G	F	D	T	S	A	A
V	X	Z	X	Q	O	B	R	D	M	B	C	Z	X	A	S	B	S
P	M	D	F	J	J	A	E	I	R	T	Y	U	I	O	T	S	V
R	Y	R	Q	A	P	R	U	V	T	R	E	W	Q	S	A	X	C
A	Q	W	A	M	Q	X	B	M	J	R	T	E	Q	E	Y	E	U
Q	Q	T	I	O	C	Ç	P	X	C	T	W	O	Q	G	O	I	Q
W	P	V	O	I	Y	T	Q	A	S	C	E	V	R	H	P	U	W
A	U	Q	W	D	T	R	Z	R	X	Z	R	E	T	K	M	Y	E
E	W	E	R	T	Y	I	O	P	M	A	T	S	Q	B	N	T	R

Uma leitura do conto «O Caminho do Regresso»

	V/F
O protagonista do conto é um emigrante em Espanha.	F
O conto desenrola-se num comboio.	V
A dada altura, o protagonista pensou: "Esta manhã já dormirei na minha casa."	F
O protagonista descreve as mulheres da sua terra como velhas.	V
O conto passa-se em pleno mês de março.	V
Mudou de comboio no Porto.	F
O conto acaba quando o protagonista chega a casa.	F

Curiosidades da língua

Com distração	distraidamente
Com desespero	desesperadamente
Livre	livremente
Com nervos	nervosamente
De forma prematura	prematuramente
Com alegria	alegremente
Com poder	poderosamente
De forma definitiva	definitivamente

Sopa de letras

A	E	O	P	E	N	C	O	N	T	R	O	W	I	O	O	O	E	W	O	D	O	O	W
S	D	N	U	A	I	Q	T	A	R	M	O	O	P	O	P	R	L	Ç	T	U	U	P	T
F	S	H	I	Q	O	U	S	B	I	O	P	P	O	T	P	O	E	O	U	O	I	T	A
F	A	H	W	E	C	I	F	A	S	P	E	R	N	E	S	T	O	T	P	P	O	Y	Q
D	D	F	M	S	H	O	G	O	T	G	N	U	C	S	K	E	E	U	R	D	T	O	W
A	K	H	A	D	J	Y	E	A	E	E	O	I	U	G	O	E	R	P	A	E	S	S	E
X	O	Q	R	G	F	G	J	A	Z	O	E	C	O	G	P	P	A	S	S	A	D	O	R
V	H	T	T	D	R	G	U	P	A	S	S	A	O	O	D	R	M	T	R	E	E	E	T
U	G	A	A	Y	F	F	L	A	I	E	E	S	P	P	T	L	O	O	E	T	T	U	Y
H	F	O	A	U	A	A	H	O	H	O	S	A	R	S	Y	K	R	H	S	U	Y	O	U
A	E	S	C	R	I	T	O	R	O	G	E	D	Q	R	U	U	R	H	I	I	O	O	D
E	V	O	R	I	I	V	I	E	D	F	S	O	A	A	O	O	Y	J	8	I	P	F	Y
U	D	T	K	L	C	V	Y	P	D	N	E	R	T	T	S	J	R	H	M	P	W	U	I
I	I	A	H	H	O	G	G	U	U	R	S	O	U	U	R	B	A	L	E	G	R	I	A
I	A	U	S	E	N	C	I	A	O	E	E	J	I	O	P	H	Q	F	S	T	I	C	W
I	D	Q	D	J	A	D	B	E	P	A	S	A	P	O	T	I	E	O	E	T	O	R	R
O	E	E	D	F	T	I	J	T	P	E	I	O	J	P	T	O	R	A	S	D	O	I	C
P	U	Y	S	P	U	R	P	Q	S	R	P	E	O	O	A	P	U	U	S	R	S	J	A
M	S	O	H	R	P	A	O	U	A	Y	O	A	A	D	S	F	T	O	F	O	E	O	U
D	O	P	U	S	O	A	K	O	R	F	O	U	S	D	E	O	Y	S	G	U	W	P	P
W	E	A	S	W	F	I	K	P	Y	G	K	P	T	F	R	P	R	X	O	P	Q	A	W

Uma leitura do conto «A Manhã de Julho»
--

	V	F
Ernesto e Marta são as personagens do conto.	V	
Ernesto e Maria são as personagens do conto.		F
Reencontraram-se numa manhã de Julho.	V	
Ernesto é um pintor.	V	
A história passa-se em 1950.		F
A relação das personagens é um casamento conservador.		F
Encontram-se na cidade onde se haviam conhecido.	V	
Ernesto é escritor.		F
Marta mora na capital.	V	
Já se conheciam há muitos anos.	V	
Passam a noite juntos.	V	
Ficaram juntos para sempre.		F
Resolveram encontrar-se, talvez, de dois em dois meses.	V	

Curiosidades da língua

NOME	VERBO	ADJETIVO
Aflição	Afligir	Aflito
Depressão	Deprimir	Deprimido
Arrepio	Arrepiar	Arrepiado
Cansaço	Cansar	Cansada
Abraço	Abraçar	Abraçador
Beleza	Embelezar	Belo
Salvação	Salvar	Salvo
Pintor	Pintar	Pintado
Conquistador	Conquistar	Conquistado

A (In) definição do tempo no conto «A Manhã de Julho».

1. «Há **seis anos** que não se corrigiam em afetos **seis anos** que não se asphaltavam em arriscadas prosas.»
2. « ... **numa noite** quente e seca **de Julho** »
3. «Parecera-lhe voz de criança, o que **àquela hora tardia** não era evento costumeiro.»
4. «Sentia-se imobilizado **há horas** e no entanto voara e vira as planícies festejantes em redor da cidade»
5. «Marta prometeu visitá-lo de **dois em dois meses** se tal não sucedesse.»

A (In) definição do espaço do conto «A Manhã de Julho».

1. “Ela fora trabalhar para a capital...”
2. “...grandes olhos negros...que faiscavam ali em plena avenida principal da cidade...”
3. “De vez em quando lá encontrava uma mulher na sua cama...”
4. “Lembrava-se de ter contornado a esquina do edifício amarelo”
5. “Despiu-a e foi à janela da cozinha transportar o seu cansaço...”
6. «...e no entanto voara e vira planícies festejantes em redor da cidade soerguerem-se...»
7. “...dirigiu-se pela casa, descalça...”
8. “...viagem de regresso à capital.”